

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

HÁBITOS DE ESTUDO EM CRIANÇAS E JOVENS
INSTITUCIONALIZADOS

Inês João Pires Teixeira

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2013

Hábitos de Estudo em Crianças e Jovens Institucionalizados

Inês João Pires Teixeira

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de
Mestre em Psicologia Clínica (Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia
Clínica)

Orientadora: Professora Doutora Carolina Henriques, Professora Adjunta na Escola
Superior de Saúde de Leiria, Instituto Politécnico de Leiria

Coimbra, setembro de 2013

Agradecimentos

Os agradecimentos são dirigidos à Professora Doutora Carolina Henriques, orientadora da tese pelas indicações precisas, metódicas e sistemáticas para a concretização deste trabalho.

Aos meus pais e à minha irmã pelo seu amor, apoio incondicional e por terem sempre acreditado em mim.

Para a doutora Sónia e para a doutora Rita são dirigidos os agradecimentos pela amabilidade, cooperação e autorização para a recolha de dados nas respectivas instituições.

Às minhas companheiras de mestrado, Célia, Marisa e especialmente, Denise por nunca me ter deixado desistir dos meus sonhos.

Às minhas amigas de sempre, Ana, Rita e Vera pela sua força e alegria contagiante.

Às minhas amigas Ana, Marta e Joana pela sua amizade e companheirismo.

A todos os meus amigos que fizeram parte do meu percurso académico.

A todos os participantes que colaboraram com o meu estudo que sem a presença deles era impossível a sua realização.

Dedico este trabalho aos meus queridos pais e à minha irmã

Pelo seu amor e apoio incondicional

Resumo

Introdução: Os hábitos de estudo são uma dimensão que representa um valor significativo no desenvolvimento das estratégias de aprendizagem que as crianças e jovens têm de desenvolver para ter sucesso escolar. Assim, dada a importância que a dimensão hábitos de estudo pode representar para estas crianças, realizamos um estudo descritivo que tem como principal objetivo conhecer a relação entre os hábitos de estudo e as crianças institucionalizadas de duas instituições do distrito de Leiria.

Metodologia: A amostra foi composta por 33 jovens de ambos os sexos ($n=23$; 69,7% do sexo feminino e $n=10$; 30,3% do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade ($M = 14,61$ e $DP = 1,78$). Os participantes preencheram um questionário sociodemográfico e o inventário de hábitos de estudo (IHE) de F. F. Pozar (1997).

Resultados: Os resultados mostram que ao nível das condições ambientais de estudo a maioria dos jovens considera ter boas condições ambientais e físicas enquanto um pequeno grupo de crianças não está completamente satisfeito. Ao nível da planificação de estudo, verificou-se que a maioria obteve uma classificação média tendo alguns participantes obtido a nota máxima o que revela boas capacidades de planificação e organização de estudo. Ao nível da utilização de materiais, os resultados situaram-se entre o mau e o não satisfatório sendo a escala com os piores resultados tal como no estudo efectuado por Pozar (1997). Quanto à capacidade de assimilação, os resultados são pouco satisfatórios, embora os resultados se situem entre o mau e o médio. Por último, a sinceridade foi a escala que obteve melhores resultados sendo que os resultados se situaram entre o médio e o bom.

Discussão: Face aos resultados obtidos podemos concluir que as crianças e jovens institucionalizados que participaram no estudo revelaram hábitos de estudo algo satisfatórios tendo em conta o meio em que se encontram. Depois verificamos que não existem diferenças na forma como as instituições trabalham com as crianças e jovens de forma a promoverem o seu sucesso escolar.

Palavras-chave: Hábitos de estudo, Crianças, Jovens, Institucionalização.

Abstract

Introduction: The study habits are a dimension that represents a significant value in the development of learning strategies that children and young people in institutions should have. Thus, given the importance that the scale habits of study can make to these children, we conducted a descriptive study that aims to know the relationship between study habits and institutionalized children from two institutions in the district of Leiria.

Methodology: The sample is composed by 33 young people of both sexes ($n=23$, 69.7% are females and $n=10$, 30.3% males) with ages between 12 and 18 years ($M=14.61$, $Dp=1.78$). The participants filled in a protocol composed by a sociodemographic questionnaire and a inventory of study habits (IHE) of F. F. Pozar (1997).

Results: The results show that the majority of young people consider having good physical and environmental conditions while a small group of children is not completely satisfied. In planning study, the majority has a good average and some participants obtained the maximum score which shows good planning and organizational skills study. Regarding the use of materials, the results were between the bad and not satisfactory and the results are the worst scale results as in the study by Pozar (1997).

Regarding the capacity of assimilation, the results are unsatisfactory, although the results are in between the bad and average. Finally, the sincerity was the scale with better results and the results were between medium and good.

Discussion: Considering our results we conclude that institutionalized children and young people who participated in this study revealed study habits something satisfactory taking into account the environment in which they find themselves. Once verified that there are no differences in how institutions work with children and young people in order to promote their academic success.

Keywords: Study habits, children young people, institutionalization

Índice

Introdução	1
1. Hábitos de Estudo	1
2. A Aprendizagem	2
3. Hábitos de estudo em crianças e jovens institucionalizados: Estudos Empíricos	5
4. Enquadramento institucional	9
Parte II – Contribuição pessoal	11
1. Materiais e Métodos	11
2. Resultados	18
3. Discussão dos resultados	40
4. Conclusão	43
5. Referências bibliográficas	45
6. Anexos	
Anexo I – Inventário de hábitos de estudo (IHE)	
Anexo II – Declaração da CEGOC	
7. Apêndices	
Apêndice A – Questionário sociodemográfico	
Apêndice B – Pedido de autorização ao Lar Santa Isabel	
Apêndice C – Pedido de autorização ao Colégio D. Dinis	
Apêndice D – Consentimento Informado	

Índice de Figuras

Figura 1	22
Figura 2	23
Figura 3	23
Figura 4	24
Figura 5	24
Figura 6	25
Figura 7	25
Figura 8	26
Figura 9	26
Figura 10	27
Figura 11	27
Figura 12	28
Figura 13	29
Figura 14	29
Figura 15	30
Figura 16	30
Figura 17	31
Figura 18	31
Figura 19	32
Figura 20	32
Figura 21	33
Figura 22	33
Figura 23	34
Figura 24	35
Figura 25	35
Figura 26	36
Figura 27	36
Figura 28	37
Figura 29	37
Figura 30	38
Figura 31	38
Figura 32	39
Figura 33	40

Índice de Tabelas

Tabela 1	Fatores do Questionário IHE de “Manual de hábitos de estudo” de CEGOC-TEA	15
Tabela 2	Coeficiente alfa de Cronbach para a amostragem portuguesa	16
Tabela 3	Distribuição da amostra face ao sexo	18
Tabela 4	Caracterização da amostra face à idade dos jovens institucionalizados	18
Tabela 5	Distribuição da amostra face à escolaridade	18
Tabela 6	Distribuição da amostra face à ocorrência de reprovações	19
Tabela 7	Caracterização da amostra face ao número de reprovações	19
Tabela 8	Distribuição da amostra face à existência de currículo alternativo	19
Tabela 9	Distribuição da amostra face à existência de adaptações curriculares	19
Tabela 10	Distribuição da amostra face à existência de alterações/dificuldades	20
Tabela 11	Distribuição da amostra face ao tempo de permanência na instituição	20
Tabela 12	Distribuição da amostra face às instituições	21
Tabela 13	Distribuição da amostra face ao tipo de família	21
Tabela 14	Caraterização da amostra face às visitas na instituição	21

Lista de Siglas

AMB – Escala das condições ambientais de estudo
ASS – Escala de assimilação de conteúdos
CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
IHE – Inventário de hábitos de estudo
 σ - Desvio Padrão
 \bar{X} – Média
MAT – Escala de utilização de materiais
Md - Mediana
Mo – Moda
PLA – Escala da planificação do estudo
SIN – Escala da Sinceridade
Xmax. - Valor Máximo
Xmin. - Valor Mínimo

INTRODUÇÃO

1. Hábitos de Estudo

Os hábitos de estudo constituem, nos dias de hoje, uma das preocupações mais importantes em termos científicos. Autores como Carita (1997), Mendez (1999) e Silva e Sá (1997), destacam-se nesta temática e que serviram, naturalmente de base para este trabalho. Um dos temas que suscita maior preocupação no sistema educacional é o sucesso/insucesso escolar. Neste sentido, o fenómeno do (in)sucesso escolar tem sido bastante debatido pelos investigadores, no sentido de contribuir para a sua melhor explicação, compreensão e eventual intervenção futura (Torres, 2010).

Quando surgem conclusões científicas relativas à comunidade escolar em geral, as crianças e jovens institucionalizados, por norma, estão sempre associados ao insucesso escolar, isto é, a uma abordagem pela negativa. De acordo com Binder e Michaelis (2006), cada criança desenvolve-se à sua maneira, umas apresentam maior facilidade ao nível da motricidade, outras têm maiores dificuldades no desenvolvimento da linguagem e outras não se conseguem concentrar muito tempo no mesmo assunto.

O conceito de hábitos de estudo tem sido, nos últimos anos, alvo de investigação e, como tal, podemos encontrar várias definições sobre esta problemática. Sendo assim, podemos definir os hábitos de estudo como sendo “(...) um processo contínuo associado ao desenvolvimento do estudante, no qual, o mesmo pode tornar-se consciente de como aprende e das dificuldades que tem” (Gibbs, 1986, p.88).

Para outros autores como Carita, Silva, Monteiro e Diniz (1997, p.16) os hábitos de estudo são definidos como sendo uma: “(...) estratégia de diversificação de apoio aos alunos, a qual visa a aquisição e ou desenvolvimento de um conjunto de competências básicas de estudo e que são suscetíveis de otimizar o rendimento escolar”.

Atualmente, os problemas de aprendizagem são explicados, pela ausência ou uso inadequado de estratégias de estudo e pela não existência de hábitos de trabalho favoráveis à aprendizagem. Acresce o facto, das crianças e jovens com fraco rendimento escolar apresentarem uma postura negativa face ao estudo, uma forte desmotivação escolar, um tempo de estudo diminutivo e uma perceção muito limitada da vantagem de adotar estratégias de aprendizagem (Silva & Sá, 1997).

Para que se possa responder à interrogação sobre o que se pode fazer para aprender melhor, ter-se-á certamente alguma dificuldade em responder a esta questão. Na verdade, na maior parte dos casos, a aprendizagem ocorre de uma forma automática e por isso, não é fácil

tomar consciência dos componentes que nela intervêm, no entanto, quando se quer aprender deliberadamente um certo tema e se assume um comportamento intencional para o compreender, é mais fácil tomar consciência de alguns dos componentes que concorrem para uma aprendizagem com êxito (Silva & Sá, 1997).

Silva, Halpern e Silva (1999, p.215) realizaram um estudo sobre o comportamento dos alunos e pôde-se verificar que os professores referem que os comportamentos indicam “as meninas como mais responsáveis, dedicadas, estudiosas, interessadas, sensíveis, atentas”, enquanto que “os meninos são malandros, não têm hábitos de estudo, não ficam em casa para estudar, saem para jogar à bola, faltam às aulas, são dispersivos, têm interesses fora da escola, são agitados, não prestam atenção, ainda que mais inteligentes”. Segundo vários autores, estudar resume vários comportamentos, tais como, organizar o material, planificar o estudo, fazer os trabalhos de casa, ler e explorar a matéria lecionada, entre outros. Assim, uma pessoa que adquira hábitos de estudo adequados consegue adquirir um desempenho académico mais satisfatório.

Mendez (1999) refere que aprender a planificar o estudo, permite enormes vantagens, nomeadamente: (i) conhecer e controlar o rendimento pessoal dia após dia, (ii) criar um hábito regular de trabalho, (iii) aproveitar bem o tempo, privilegiando o estudo em prol de outras tarefas.

2. A Aprendizagem

Nos anos 20, a aprendizagem é definida como um: “ (...) processo através do qual se efetuam reestruturações perceptuais. (...) A relação de inerência entre perceção e resposta implica que, procedidas as reestruturações ao nível da perceção produzam-se equitativamente, mudanças no tipo de resposta que se emite” (Kohler, cit. in Penna, 2001, p.11)

Atualmente, segundo Woolfolk (2000), a aprendizagem é definida como sendo um “(...) processo através do qual a experiência causa mudança permanente no conhecimento ou no comportamento”. Segundo os psicólogos cognitivos, a aprendizagem é uma atividade mental que não pode ser observada diretamente, ou seja, dão ênfase às atividades como o pensar, o lembrar-se e o resolver problemas (Woolfolk, 2000, p. 184).

O conceito de “estudo”, como um processo contínuo de aprendizagem, é aceite como uma atividade cujos alicerces assentam num conjunto de hábitos intelectuais, através do qual é pretendida a aquisição e transformação de conhecimentos. Por sua vez, esta transformação de conhecimentos orienta o indivíduo para a aprendizagem de determinado conteúdo. Assim,

salienta-se a dinâmica estudo/aprendizagem (Pozar, 1997). Por outro lado, a aprendizagem compreende uma mudança nas nossas habilidades, no modo de fazer e conhecer, cujo resultado é mais ou menos permanente e resultante da nossa interação com as nossas experiências anteriores (Pozar, 1997). As aprendizagens que se fazem estão intimamente dependentes das estratégias de aprendizagem a que o indivíduo recorre, ou seja, do plano formulado para atingir determinado efeito (Pozar, 1997).

A aprendizagem consiste na aquisição de reflexos, hábitos, atitudes, que se inscrevem no organismo da pessoa e guiam a sua conduta. A criança a quem os pais ensinam a higiene, as boas maneiras, passa também por uma aprendizagem, através da repetição dos gestos destinados a desenvolver nela reflexos condicionados e sobretudo hábitos. A criança aprende um jogo novo, observa o que as outras fazem e imita-as. A seguir ela própria efetua tentativas e corrige os seus erros, está é outra forma de aprendizagem. Da mesma forma, uma pessoa que decora um texto através da repetição e da correção dos erros que vai cometendo impõe à memória uma aprendizagem destinada inscrever uma série de sons sucessivos no seu sistema neurocerebral. Tal como referimos pelos exemplos dados, constata-se que a repetição, a imitação e a aplicação de recompensas e punições, as tentativas e os erros são quatro processos principais através dos quais a aprendizagem se realiza. Quer se trate de um treino de animais (de Pavlov), da educação das crianças, do ensino, da educação ou da socialização em geral, o agente socializador e/ou socializado recorrem constantemente a qualquer um desses processos de aprendizagem (Rocher, 1989).

Segundo Hull (cit in Lieury & Fenouillet, 1996, p.20) “a aprendizagem é o produto de uma motivação e do qual o nível de aprendizagem (hábito) anterior, tem uma consequência prática imediata: não se aprende sem se estar motivado”. A motivação surge como um vetor de desenvolvimento da aprendizagem e do desempenho, mas também de autoconfiança em si próprio. No fundo, o que muda nos alunos motivados é a intensidade com que realizam as tarefas e a persistência que demonstram na utilização dos esforços para resolverem as atividades que lhe são propostas.

No contexto escolar, a questão da motivação surge sempre como um aspeto crucial para a aprendizagem. Segundo Bzuneck (2001 in Boruchovitch, 2008), as pesquisas realizadas nas últimas décadas reconhecem que a motivação para aprender afeta muito o desempenho escolar dos alunos.

“ A motivação consistiu no fator fundamental ou no motor da aprendizagem na ordem afetiva assim como a inteligência é o fator fundamental na ordem cognitiva e estrutural”

(Oliveira,2005, p.27). A motivação é um fator interior que estimula, direciona e mantém o comportamento (Woolfolk,2000; Siqueira,&Wechsler,2006).

Não só a aprendizagem afeta a motivação, como também a motivação afeta a aprendizagem (Siqueira & Wechsler,2006); assim, ao estimular a confiança na capacidade de aprendizagem do aluno, promove-se a motivação mas também é necessário encorajar os alunos a definir objetivos relacionados com as matérias e facilitar as experiências emocionais positivas (Lemos, 2005).

A motivação afeta a quantidade de tempo que as pessoas estão dispostas a dedicar à aprendizagem. Os seres humanos são motivados para o desenvolvimento da competência e da solução dos problemas. Os desafios devem estar ao nível adequado de dificuldade para que o aluno permaneça motivado, ou seja, as tarefas muito fáceis tornam-se aborrecidas e por outro lado as tarefas muito difíceis provocam sentimentos de frustração no aluno e então dedicam, afinal, pouco tempo à tarefa (Bransford, Brown & Cocking, 2007).

Segundo vários autores, a motivação contribui com cerca de 35% para o rendimento escolar enquanto que a inteligência explicaria cerca de 45%. Porém outros autores referem que a inteligência, a personalidade e a motivação explicariam apenas 25% da variância do sucesso escolar, sendo que a maior parte da percentagem é devido a outros fatores como a relação dos alunos com os professores, a relação com os pais, os programas, a sociedade, entre outros (Oliveira, 2005).

Existem diversos fatores que podem influenciar o rendimento escolar de um aluno, tais como, o estilo de vida no seio da família, as atitudes face ao conhecimento, as condições de vida e o acesso a bens culturais é que fazem com que o aluno tenha um bom ou mau desempenho escolar.

O insucesso escolar é um fator influenciado por um conjunto de fatores que podem ser individuais, familiares e sociais, no fundo ligados internamente entre si. Muitas vezes, o fracasso escolar é uma consequência de desajustamento, que já vem com o aluno ou que este desenvolve ao longo do seu processo educativo. O aluno inadaptado vive a sua própria situação, como uma dificuldade de relação com o ambiente, que acaba por se traduzir em problemas de relação pessoal com educadores e companheiros (Gomez, Mir & Serrats, 1993).

Sem a memória proceder à elaboração, ou seja, sem acrescentar e estender os significados associados a novas informações aos conhecimentos existentes não haveria nem identidade pessoal nem qualquer tipo de reconhecimento (Lovett & Flavell,1990).

Como foi referido anteriormente, a memória é governada por duas fases – curto e longo prazo sendo estas fases qualitativamente diferentes, a primeira guarda informação durante intervalos muito curtos enquanto na segunda, os materiais são armazenados por períodos muito mais longos, às vezes durante uma vida (Gleitman, 1981).

Existem algumas características gerais que dizem respeito a ambas, ou seja, todo o ato de recordar implica codificação, armazenamento e recuperação. O primeiro aspeto do processo de memória diz respeito, antes de mais, à *aquisição da informação*.

Para recordar é preciso primeiro ter aprendido, sendo que, durante esta fase de aquisição, a informação tem de ser codificada, o que significa que existe uma tradução de informação de um estímulo para as várias dimensões sensoriais efetivamente experienciadas (Gleitman, 1981). De seguida, vem o *armazenamento*. Para que seja recordada, a experiência codificada tem de deixar algum registo no sistema mental; este tem de ser armazenado e conservado de forma mais ou menos permanente para a utilização subsequente (Gleitman, 1981).

O último dos estádios é a *recuperação*, o momento em que o indivíduo “tenta lembrar-se”, extrair um determinado aspeto de entre todos os que armazenou. Segundo Gleitman (1981, p. 321), a recuperação pode ser definida como um “(...) processo de procurar e encontrar um determinado item da memória. Se a recuperação falha, isto pode significar, ou não, que o respetivo traço de memória não está presente ou, simplesmente, que não está acessível”.

Como conclusão, pode-se referir que há dois métodos para estudar a recuperação, sendo que, um é a recordação, em que se pede ao sujeito para produzir um item ou um conjunto de itens de memória, sendo que o outro é o do reconhecimento. O sujeito a quem se mostra um item tem de dizer se já o tinha encontrado anteriormente (Gleitman, 1981).

3. Hábitos de estudo em Crianças e Jovens Institucionalizados: Estudos Empíricos

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar investigações empíricas sobre as temáticas abordadas nos capítulos anteriores e que alicerçam este trabalho de investigação.

Ramalho (2001) elaborou um estudo científico intitulado de “Os hábitos de estudo em estudantes do 3ºciclo do ensino básico e do 1º ano do ensino secundário” que teve como principais objetivos analisar a aprendizagem e o ensino em contexto escolar e a forma como os alunos encaram as diversas situações de estudo e qual a importância que lhe atribuem, tais como a organização do tempo, a motivação para o estudo, os distratores de estudo, os

apontamentos nas aulas, a otimização da leitura e a preparação de testes. Para isso, o autor produziu um questionário de autoavaliação dos hábitos de estudo, que é um questionário cujas subescalas se apoiam/organizam à volta da tipologia de um programa de promoção de hábitos de estudo elaborado pela investigadora Ana Carita (1997). O questionário foi constituído inicialmente por questões de ordem sociodemográfica, ou seja, nome, data de realização da prova, a naturalidade, a data de nascimento, o ano, a turma, o número de aluno, o sexo, a idade, que são as variáveis independentes do estudo. O instrumento foi submetido à análise confirmatória e à análise da sua consistência interna através do alpha de Cronbach, cujos valores se encontram minimamente aceitáveis. A amostra foi constituída por 493 indivíduos da Escola Secundária do Padrão da Légua em Matosinhos divididos entre o 3º ciclo do ensino básico e o primeiro ano do ensino secundário, ou seja, 7º, 8º, 9º e o 10º de escolaridade. Nomeadamente aos resultados obtidos, estes mostraram que os alunos, em termos gerais, à medida que vão tendo mais idade, ou vão evoluindo em termos de escolaridade, vão passando a obter piores resultados globais ao nível das diferentes subescalas dos hábitos de estudo. Mostraram também que os indivíduos do sexo feminino possuem melhores resultados em relação ao sexo masculino. Como conclusão, Ramalho (2001) refere que desenvolver hábitos e estratégias de estudo tem por objetivo final possibilitar ao estudante o acesso a condições e instrumentos mentais, que lhe permitam tornar a sua aprendizagem mais efetiva e autónoma.

Carvalho (2012) desenvolveu um estudo de seu nome “Hábitos de estudo e a sua influência no rendimento escolar” com o objetivo de analisar os hábitos de estudo tanto em relação aos resultados escolares como em relação ao número de retenções dos alunos, dando especial ênfase a duas facetas/índices dos hábitos de estudo, tais como, a frequência e o número de horas de estudo e de que forma se relacionam com os resultados escolares. Para a recolha de dados, foi utilizado um questionário sociodemográfico com as características do aluno, tais como, o género, a idade, o nível de escolaridade, entre outros. Por último, foi ainda utilizado o Inventário de Estratégias de Estudo – IEE de Leal e Almeida (1991) adaptado por Sampaio e Carvalho (2011). A amostra foi constituída por 146 alunos da Escola Secundária Professor Dr. Flávio Pinto Resende em Cinfães, região do Alto Douro divididos entre o 8º e 9º do 3º ciclo do ensino básico e pelo 10º, 11º e 12º do ensino secundário.

Segundo este estudo, os alunos do sexo feminino apresentam melhores hábitos de estudo e por consequência melhores resultados escolares que os alunos do género masculino, a subescala motivação para os estudos apresenta uma relação direta e muito significativa com

os resultados escolares, ou seja, de modo específico os alunos que apresentam maior nível de motivação para os estudos conseguem obter melhores resultados escolares. A conclusão principal desta investigação é que, de modo geral, os hábitos de estudo se relacionam com os resultados escolares, ou seja, os alunos com melhores hábitos de estudo apresentam melhores resultados escolares.

Santos (2009) centrou a sua investigação no estudo da problemática do insucesso escolar experienciado pelas crianças e jovens institucionalizadas. Dentro dos objetivos do estudo podemos encontrar o diagnóstico dos problemas inerentes ao insucesso escolar experimentados pelas crianças/ jovens institucionalizados, destacar a importância da escolarização como forma de promoção social e elemento facilitador de integração profissional e social dos jovens em situação de risco. A amostra foi constituída por 27 indivíduos da Obra Imaculada Conceição e Santo António, distribuídos pelos vários anos de escolaridade. Os instrumentos de investigação utilizados pela autora foram a observação participante e a entrevista, uma vez que, a investigadora considerou que esta permitiu um contato mais próximo entre esta e os seus interlocutores e era marcada por uma fraca diretividade por parte do investigador.

Desta forma, a entrevista permitiu responder a uma das questões mais importantes da investigação, isto é, “Quais os fatores de insucesso escolar das crianças e jovens institucionalizados”. Os resultados identificaram os principais problemas dos estudantes, ou seja, no que diz respeito à motivação e aprendizagem, as crianças e jovens institucionalizados apresentam dificuldades de aprendizagem, desinteresse e desmotivação escolar e relativamente à reprovação das alunas, constata-se que estas, de forma geral, já experimentaram a retenção escolar, visível no desfasamento entre a idade e o ano escolar. De forma geral, este estudo permitiu alertar para a necessidade de promover o sucesso escolar, criando condições que fomentem o bem-estar das crianças e jovens, desenvolvendo modelos de apoio pessoal, organizacional e institucional, que crie neles, a vontade de investir na sua formação escolar.

Pérez et al. (1998) desenvolveu um estudo intitulado “Estrategias de Aprendizaje, Autoconcepto y Rendimiento Académico” com o principal objetivo de aprofundar a compreensão de como a imagem que os alunos têm de si mesmos influencia a seleção e uso de estratégias de aprendizagem. Este estudo abordou o tipo de estratégias motivacionais que os alunos utilizam para manter uma imagem positiva de si mesmo e a relação do autoconceito e as estratégias de aprendizagem. A amostra foi constituída por 371 alunos com idades

compreendidas entre os 9 e os 13 anos de várias escolas públicas do norte do principado das Astúrias em Espanha. O instrumento utilizado foi LASSI – Learning and Studies Skills Inventory de Weinstein (1987). A sua versão original contém 10 subescalas que avaliam a atitude, a motivação, a administração do tempo, ansiedade, concentração, processamento de informação, ajudas no estudo, autoconceito, selecção das ideias principais e a sua compreensão. Os resultados indicaram que existem diferenças significativas entre a selecção das estratégias de aprendizagem entre os alunos com um autoconceito negativo e os alunos com um autoconceito positivo e que os alunos com um autoconceito positivo dispõem de maiores recursos cognitivos e têm mais motivação que os alunos com um autoconceito negativo. Com este estudo pode concluir-se que quanto mais conhecimentos e controle sobre os procedimentos de aprendizagem o aluno possuir, maior será a sua auto-estima e motivação.

Dell’Aglia (2004) debruçou a sua investigação estudando o desempenho escolar dos alunos tendo como principal variável a depressão. Este teve como objetivo investigar a manifestação da depressão e o desempenho escolar das crianças e jovens institucionalizados. A amostra foi constituída por 215 crianças e adolescentes de ambos os sexos, distribuídas em dois grupos sendo que um dos grupos era constituído por crianças e jovens institucionalizados e o outro por crianças e jovens que viviam no seu seio familiar, de várias escolas públicas de Porto Alegre e Viamão, Brasil. A lista com o nome das crianças foi fornecida pela Instituição de acolhimento governamental que tem a guarda das crianças e jovens acolhidos. Para a investigar o desempenho escolar foi utilizada a Escala de Avaliação (Bandeira & Hutz, 1994), o CDI – Children’s Depression Inventory de Beck (1992) e o teste das Matrizes Progressivas de Raven (Angelini, Alves, Custódio, Duarte e Duarte). Os resultados deste estudo possibilitaram a avaliação do desempenho escolar e da presença de uma depressão entre as crianças e jovens institucionalizados e não institucionalizados. Relativamente ao desempenho escolar, verificou-se que as crianças e jovens institucionalizados apresentam um desempenho escolar mais baixo relativamente aos que vivem com os seus familiares. Em relação ao nível intelectual, não se verificou diferenças significativas, ou seja, o nível intelectual dos dois grupos é similar. Relativamente ao CDI, os estudos mostram que as crianças e jovens institucionalizadas apresentam um índice de depressão maior relativamente ao segundo grupo. Os resultados encontrados apresentam a necessidade de investigações sobre a incidência dos diferentes tipos de stress e os seus efeitos

no bem estar psicológico de crianças e adolescentes, assim como sobre os fatores de risco associados à síndrome depressiva.

4. Enquadramento Institucional

“Os lares de infância devem ser organizados segundo modelos educativos adequados às necessidades, limitações e potencialidades das crianças e jovens (Lei 147/99, de 1/09, arts. 51ºnº2). Estes são equipamentos sociais que têm por finalidade o acolhimento de crianças e jovens, proporcionando-lhes estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e a sua inserção na sociedade” (Art.º2º. Decreto Lei nº.2/86, de 2 de Janeiro).

Os lares de Infância e Juventude, são uma resposta social que surge da necessidade de acolher crianças e jovens que, por razões de disfunções graves, careçam do apoio de uma estrutura residencial que lhes proporcione, não só as necessidades de socialização inerentes às fases de desenvolvimento, mas também o papel complementar que lhe cabe na ação educativa. Desta forma, a sua ação destina-se a apoiar as crianças, jovens e famílias na consagração dos seus direitos e garantias.

Os lares de acolhimento de carácter definitivo para crianças e jovens encontram-se situados no contexto do sistema nacional de acolhimento e acompanhamento infantil e juvenil em situação de risco.

Neste sistema, distinguem-se três níveis distintos, de acordo com as funções das necessidades técnicas decorrentes da análise das problemáticas com que se lida: *o acolhimento de emergência* que se destina a acolher crianças e jovens em situação de perigo iminente por um período que não ultrapassa as 48 horas, constituindo o que se designa por Unidades de Emergência; *o acolhimento temporário*, que visa acolher crianças e jovens por períodos que não excedam os 6 meses, de situações de crianças e jovens para o qual tecnicamente se diagnosticou a necessidade de afastamento temporário das famílias de origem, estas crianças permanecerão durante a sua retirada em Casas de Acolhimento Temporário, ou em Famílias de Acolhimento; e *o acolhimento de longa duração*, para as situações de crianças e jovens desprovidas de meio familiar ou cujas problemáticas justificam o afastamento definitivo em relação às famílias de origem. É neste nível de respostas sociais para crianças e jovens de carácter definitivo que encontramos os Lares, a par da adoção.

No que diz respeito aos objetivos e princípios de funcionamento dos lares de crianças e jovens “(...) deve ser estimulado o fortalecimento ou o restabelecimento das relações

familiares como condições para o equilíbrio afectivo da comunidade e participar nas iniciativas que na mesma foram promovidas (...)” (Silva,1996, p.7).

Desta forma, e de acordo com as definições dos objetivos e princípios genéricos dos lares de crianças e jovens, há uma necessidade de existência de um triângulo de relações que se estabelece a partir da própria instituição, no contexto do acolhimento institucional infantil e juvenil, entre a respetiva instituição, a família e a comunidade.

4.1 Caraterização das duas instituições participantes no estudo

➤ Centro Social Paroquial Paulo VI - Lar Santa Isabel

O Lar Santa Isabel é uma secção do Centro Social Paroquial Paulo VI, sendo esta uma instituição particular de solidariedade social, com sede na Sé de Leiria. O Lar pretende proporcionar à criança “estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às famílias, com vista ao desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade (art.2º, Decreto-Lei nº2186, de 2 de Janeiro).

Neste momento acolhe 40 crianças, tendo a mais nova 6 anos e a mais velha 21. As modalidades de financiamento desta valência são asseguradas pelo Centro Regional da Segurança Social de Leiria, mediante celebração de acordo de cooperação entre este Centro Regional e a Direção do Centro Social Paroquial Paulo VI.

No que diz respeito aos recursos humanos, a aplicação do Plano Sere + (Sensibilizar, Envolver, Renovar, Esperança) que visa a implementação de medidas de qualificação da rede de Lares de Infância e Juventude, permitiu dotar o lar de equipas multidisciplinares que têm como principal objetivo assegurar o funcionamento ininterrupto da Instituição.

➤ Fundação António Leal – Colégio D. Dinis

O colégio D. Dinis situa-se no concelho de Leiria e destina-se ao acolhimento de jovens do sexo masculino, em risco de exclusão social. O Lar resulta do protocolo de cedência realizado entre o Instituto de Solidariedade e Segurança Social, a entidade proprietária do equipamento e a Fundação António Silva Leal. Com uma capacidade para 25 utentes, o Colégio D. Dinis acolhe crianças e jovens com necessidade de substituição da família natural, com o objetivo de lhes garantir a estrutura e assistência mais adequada, com vista a conseguir um desenvolvimento e crescimento harmonioso.

Todas as crianças e jovens beneficiam de acompanhamento adequado à sua faixa etária e situação social realizado por uma Equipa Técnica multidisciplinar. Em adição, é

construído e operacionalizado com cada criança e jovem o seu projeto de vida, tendo em conta o seu superior interesse. O acolhimento no Colégio D. Dinis ocorre no âmbito da aplicação de medidas de promoção e proteção aplicadas pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens ou pelos Tribunais.

Parte II: Contributo Pessoal

1. Materiais e Métodos

A investigação científica é um processo de aquisição de conhecimentos que permite encontrar respostas para questões precisas. Ela consiste em descrever, em explicar, em prever e em verificar factos, acontecimentos ou fenómenos. As definições que encontramos na literatura sobre o assunto diferem muito entre si, concordando no entanto em definir a investigação científica como uma estratégia ou um processo racional que visa a aquisição de conhecimentos (Fortin, 2006).

Quando se parte para uma investigação é necessário definir metodologias e métodos para ultrapassar um conjunto de etapas que têm como finalidade atingir os objetivos a que uma investigação se propõe. Este capítulo, denominado de Materiais e Métodos é composto por vários subcapítulos. No primeiro subcapítulo, é apresentado o tipo de estudo (1.1), seguindo-se a apresentação dos objetivos de investigação (1.2) e pelas questões de investigação (1.3) que estão subjacentes aos objetivos apresentados. Neste capítulo, também estão inseridas as considerações metodológicas sobre a população alvo e a amostra em estudo (1.4), a descrição do instrumento de recolha de dados (1.5) bem como os seus itens e variáveis. Por fim, a explanação dos procedimentos formais e éticos (1.6), importante no decurso da investigação e a caracterização da tipologia de análise estatística aplicada à investigação (1.7).

1.1 Tipo de estudo

Pela natureza do estudo que se aspira elaborar, a estratégia de investigação utilizada visa a metodologia de investigação exploratória – descritiva e transversal, inserida num paradigma quantitativo, desenvolvido em ambiente natural, em que haverá uma quantificação dos dados apurados traduzidos a posteriori em valores numéricos. Segundo Fortin (2009), a investigação descritiva consiste em descrever, nomear ou caracterizar um fenómeno, uma situação ou um acontecimento, de modo a torná-lo conhecido. O estudo exploratório tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos com vista à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (Fortin, 2009).

Sendo este estudo exploratório, a ausência de evidências empíricas não permite a formulação de hipóteses dedutivas. Conjuntamente apresenta-se como transversal, pois existe uma determinação simultânea do fator de interesse e do desfecho em investigação numa população bem definida. Para além do processo de investigação ser efetuado num só momento, não havendo lugar a mais momentos de recolha de informações junto dos inquiridos para verificação de evoluções ou regressões dos fenómenos observados num primeiro instante (Fortin, 2009).

1.2 Objetivos de Investigação

Em ciências sociais, à investigação é exigida uma definição clara e concreta do objeto de estudo. Os objetivos da investigação devem ser elucidados da finalidade do estudo, sendo através destes que são especificadas as variáveis chave e a população-alvo (Fortin, 2009).

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- 1) Conhecer as características sociodemográficas das jovens institucionalizadas no Lar Santa Isabel e dos jovens institucionalizados do Internato Masculino de Leiria;
- 2) Analisar os hábitos de estudo utilizados pelas jovens institucionalizadas no Lar Santa Isabel e pelos jovens institucionalizados no Colégio D. Dinis;
- 3) Determinar as condições (físicas e ambientais) que as instituições proporcionam às jovens institucionalizadas no Lar Santa Isabel e aos jovens institucionalizados no Colégio D. Dinis;
- 4) Compreender se as crianças institucionalizadas do Lar Santa Isabel e do Colégio D. Dinis são dotadas de hábitos de estudo;

1.3 Questões de Investigação

Fortin (2009) define uma questão de investigação como sendo “uma pergunta explícita respeitante a um tema em estudo que se deseja examinar, tendo em vista desenvolver o conhecimento que existe”. Este estudo tem como questões de investigação:

- 1 - Quais são as características sociodemográficas das jovens institucionalizadas no Lar Santa Isabel e dos jovens institucionalizados do Colégio D. Dinis?
- 2 - Quais são os hábitos de estudo mais predominantes nas jovens institucionalizadas no Lar Santa Isabel e nos jovens institucionalizados no Colégio D. Dinis?
- 3 - Quais são as condições (ambientais e físicas) que as instituições proporcionam às jovens institucionalizadas no Lar Santa Isabel e aos jovens institucionalizados do Colégio D. Dinis?

1.4 População e Amostra

Para dar resposta à questão de investigação e às predições do investigador, este necessita de definir a população alvo do estudo, que, Quivy e Campenhoudt, (2008, p.160), define como, “ o conjunto de pessoas constituinte de um todo”. Desta população alvo, o investigador deve selecionar uma amostra, que é uma parte daquela, ou seja um subconjunto de elementos populacionais representativos da população alvo a investigar”.

A amostra é constituída por crianças e jovens institucionalizadas do distrito de Leiria, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, de ambos os sexos, com capacidade para responder de forma escrita ao instrumento de investigação e de forma voluntária.

1.5 Instrumentos de recolha de dados

- ***Questionário sociodemográfico aplicado aos jovens institucionalizados***

O questionário sociodemográfico (QSD) (Apêndice A) foi elaborado com base na revisão da literatura e em questionários construídos em estudos realizados anteriormente, tendo como objetivo caracterizar a amostra que compõe o presente estudo.

O questionário sociodemográfico visa caracterizar a amostra nomeadamente em termos de sexo, idades dos sujeitos, percurso e habilitações escolares, dificuldades de aprendizagem, medidas de promoção e proteção aplicadas às crianças /jovens, e situação familiar.

- ***Inventário de Hábitos de Estudo - IHE (F. F. Pozar)***

O inventário de Hábitos de Estudo (IHE) de F. F. Pozar (1997) tem como objetivo a avaliação dos hábitos de estudo dos alunos, mediante quatro escalas fundamentais e uma adicional. O inventário de hábitos de estudo é constituído por 90 elementos distribuídos da seguinte forma:

1. Escala I (Condições ambientais de estudo): 18 elementos;
2. Escala II (Planificação do estudo): 12 elementos;
3. Escala III (Utilização de materiais): 15 elementos;
4. Escala IV (Assimilação de conteúdos): 15 elementos;
5. Escala V (Sinceridade): 30 elementos

A utilização do I.H.E. pode ser abordada em diferentes perspetivas: Pode aplicar-se a todos os alunos de uma escola, ou de determinado curso, com o intuito de observar as falhas mais significativas ao nível dos hábitos de estudo de elaborar um programa de correção

dessas limitações; Incluído numa bateria de testes, permite obter uma dimensão frequentemente esquecida e que poderia ser definida como o domínio das "técnicas de trabalho intelectual"; Finalmente, a sua aplicação também se enquadra no estudo dos frequentes "casos problema" de alunos com baixo rendimento escolar (Anexo I).

O I.H.E. tem três objetivos:

- Avaliar qualitativa e quantitativamente as atitudes ou condições com que o estudante (considerado individualmente ou em grupo) enfrenta a sua tarefa específica de estudo;
- Prever o nível do seu progresso escolar em função do conhecimento dos seus hábitos de estudo, independentemente da incidência de outras variáveis
- Atuar, a partir do diagnóstico, na direção adequada à modificação dos hábitos deficientes e à aquisição e desenvolvimento de hábitos mais eficazes.

O inventário de hábitos de estudo (I.H.E.), é composto inicialmente por um pequeno conjunto de questões de natureza sociodemográfica, que procura identificar e caracterizar o inquirido, tais como, o nome, a data de realização do questionário, o ano, a turma, o sexo e a idade, variáveis que podemos considerar independentes do nosso estudo.

A parte do questionário é composta por 90 questões e está estruturada de modo a “detetar até que ponto o estudante conhece as técnicas elementares do estudo,” (Pozar, 1999, p.7) e a definir as atitudes do estudante perante o estudo (CEGOC,1999-Manual IHE). O IHE apresenta como critérios de composição o conceito de estudo como processo contínuo de aprendizagem, adotando o estudo como uma atividade orientada por um conjunto de hábitos intelectuais através do qual vai-se obter e transformar conhecimentos, a identificação de variáveis, ou seja, dos hábitos de estudo que o autor designa de fatores no seu estudo (CEGOC,1999 - Manual IHE).

A estratégia utilizada por Pozar para a identificação das variáveis foi, por um lado, a análise de manuais de psicopedagogia de diferentes escolas e tendências que tratam especificamente do estudo, por outro lado, a análise de alguns inventários, questionários e instrumentos de medida de atitudes e comportamentos face ao estudo (CEGOC,1999 – Manual IHE).

O questionário utiliza onze fatores, agrupando-os em quatro escalas (tabela 1):

Tabela 1 *Fatores do Questionário IHE de “Manual de hábitos de estudo” de CEGOC-TEA, 1999, p.*

9

Escala	Fatores	
	Número	Denominação
Escala I Condições ambientais de estudo	1.	Condições ambientais
	2.	Condições ambientais físicas
	3.	Comportamento escolar
	4.	Rendimento
Escala II Planificação do estudo	5.	Horários
	6.	Organização
	7.	Utilização de livros
Escala III Utilização de Materiais	8.	Leitura
	9.	Sublinhados / resumos
	10.	Memorização
Escala IV Assimilação de Conteúdos	11.	Personalização

As opções de resposta estão elaboradas numa escala de três posições que refletem a frequência do comportamento ligados ao hábito de estudar ou seja, a opção “Sim”, sempre que o comportamento se verificasse, “sempre ou quase sempre”; “Não” “nunca ou quase nunca” se o comportamento não se verificasse e “?” se o que dizia na pergunta acontecesse apenas “algumas vezes ou não sabe responder”. A cotação é feita através da introdução das respostas, num programa informático fornecido pela CEGOC, que produz um perfil do estudante.

A administração destes instrumentos pode ser feita a crianças a partir dos 12 anos de forma individual ou coletiva. A adaptação deste instrumento para a população portuguesa, foi realizada com o objetivo de que a formulação dos itens se aproximasse o mais possível da formulação utilizada na versão original (Pozar, 1997).

O programa informático de cotação permite obter um perfil com a seguinte informação: pontuações diretas obtidas em cada uma das escalas (identificadas como NB – notas brutas); notas derivadas (ND) que podem tomar a forma de percentil ou de eneatipo (o utilizador deve selecionar o grupo normativo a que pertence o sujeito e a escala em que devem ser convertidas as pontuações diretas – percentil ou eneatipo) (Pozar, 1997).

Atendendo aos resultados obtidos nos estudos estatísticos, construíram-se tabelas de normas para cada um dos anos de escolaridade, não fazendo distinção entre os resultados obtidos pelo sexo feminino e pelo sexo masculino. Na base de cada tabela de normas, encontram-se as estatísticas descritivas do grupo normativo: N (número de sujeitos que

compõem a amostra), Média (média aritmética) e DP (desvio padrão). Para cada uma das escalas, procura-se no gráfico a respetiva pontuação direta (PD) e no lado direito encontram-se os percentis (PC). Relativamente à escala percentílica, trata-se de uma escala ordinal que varia entre 1 e 99. O valor em percentil (PC) indica-nos a posição relativa do sujeito em comparação com outros membros do grupo normativo. Quanto à escala típica de eneatipo, esta varia entre 1 e 9 sendo que o eneatipo 1 corresponde a uma má classificação, o 2 e 3 a uma classificação não satisfatória, 4,5 e 6 corresponde ao valor médio, 7 e 8 a uma boa classificação e, por fim, o 9 corresponde a uma excelente classificação.

Em relação às quantidades psicométricas, é importante referir a aplicação portuguesa deste inventário foi constituída por uma amostra de 724 sujeitos sendo 335 do sexo feminino e 389 do sexo masculino, com frequência do 7º ao 12º de forma distribuída.

A amostra utilizada era composta por estudantes da grande Lisboa entre o 7º e o 12º ano, com todas as áreas da região representadas (Pozar, 1997). Os coeficientes Alfa de Cronbach, obtidos por cada uma das escalas do IHE, estão sintetizados na tabela 2.

Tabela 2 *Coeficiente alfa de Cronbach para a amostragem portuguesa.*

	Escala				
	N	I	II	III	IV
Homens	334	0,56	0,59	0,48	0,56
Mulheres	389	0,55	0,66	0,50	0,51
Total	723	0,57	0,65	0,50	0,54

1.6 Procedimentos formais e éticos

De acordo com Fortin (2009), qualquer investigação origina questões morais e éticas pelo que é necessário proteger os direitos e a liberdade dos indivíduos que participam no estudo. A ética exerce um poder sobre a sociedade para proteger todos os indivíduos, mas principalmente aqueles que não se podem proteger a si mesmo.

Neste estudo, procura-se respeitar os cinco princípios éticos: o direito à autodeterminação, o direito à intimidade, o direito à confidencialidade e anonimato, o direito à proteção contra o desconforto e prejuízo e o direito a tratamento justo e leal. Tendo por base estes princípios estabelecidos, foi remetido um pedido para recolha de dados na instituição Lar Santa Isabel (Apêndice B) e no Colégio D. Dinis (Apêndice C) onde são expostos os objetivos da investigação e dos instrumentos de recolha de dados, bem como assegurada a confidencialidade dos mesmos, tendo este pedido sido autorizado oralmente.

Após selecionarmos o instrumento a utilizar nesta investigação, foi remetido um pedido de autorização por correio eletrónico à Cegoc, uma vez que, esta detém os direitos de

autor do inventário. A resposta proferida foi positiva (Anexo II). Para a aplicação do questionário sociodemográfico e do instrumento, foram preparadas declarações de consentimento informado com base na declaração de Helsínquia, Tóquio, da Organização Mundial de Saúde e da Comunidade Europeia, no que se refere à experimentação em seres humanos (Apêndice D).

Inicialmente foram contactadas as direções das instituições no sentido de informar e solicitar a participação das crianças e jovens institucionalizadas. Ambas as repostas foram positivas.

1.7 Análise Estatística

Segundo Fortin (2009, p.56) “o método de análise deve ser congruente em relação aos objetivos e ao desenho do estudo”. Para tratamento dos dados estruturados, recorreu-se à estatística descritiva e inferencial, através do Programa Statistical Package for Social Sciences 20,0 for Windows (SPSS for Windows).

Fortin (2009) postula que a estatística descritiva é o processo pelo qual o investigador sintetiza um conjunto de dados brutos. Para sistematizar e salientar a informação proporcionada pelos dados recolhidos, utilizou-se a estatística descritiva, nomeadamente: Média (\bar{X}), Mediana (Md), Moda (Mo), Desvio Padrão (σ), Valor Mínimo (Xmin) e Valor Máximo (Xmax) dependendo dos dados em questão.

2.Resultados

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos através dos cálculos estatísticos dos dados, tal como procederemos a uma análise pormenorizada dos mesmos.

2.1Análise descritiva

Neste subcapítulo, iniciaremos a apresentação e análise dos resultados do questionário sociodemográfico dos jovens institucionalizados e, neste observamos que relativamente ao sexo, 69,7% ($n=23$) dos jovens são do sexo feminino e 30,3% ($n=10$) são do sexo masculino, perfazendo um total de 33 estudantes que participaram nesta investigação (tabela 3).

Tabela 3 *Distribuição da amostra face ao sexo*

Sexo	<i>n</i>	%
Feminino	23	69,7
Masculino	10	30,3
Total	33	100

Verifica-se, pelos dados apresentados na tabela 5, que face à idade dos jovens institucionalizados, a média é de 14,61 anos de idade ($Mo=15,00$; $\sigma=1,78$), com um valor mínimo ($X_{min.}$) de 12 anos de idade e um valor máximo ($X_{max.}$) de 18 anos de idade (tabela 4).

Tabela 4 Caracterização da amostra face à idade dos jovens institucionalizados

Idade	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão	Valor Mínimo ($X_{min.}$)	Valor Máximo ($X_{max.}$)	N
	14,61	15,00	15,00	1,78	12,00	18,00	33

Relativamente à escolaridade, verifica-se que 66,7% ($n=22$) dos jovens frequenta o 3º ciclo de escolaridade e 15,2% ($n=5$) frequenta o 2º ciclo de escolaridade. Somente 18,2% ($n=6$) é que possui ou frequenta o ensino secundário (tabela 5).

Tabela 5 Distribuição da amostra face à escolaridade

Escolaridade	n	%
2º Ciclo	5	15,2
3º Ciclo	22	66,7
Secundário	6	18,2
Total	33	100

Ainda dentro das questões relativas à escolaridade dos jovens, face à ocorrência de reprovações, a análise da tabela 5 permite-nos dizer que 63,6% ($n=21$) dos jovens institucionalizados que participaram neste estudo já reprovaram, ao contrário de 36,4% ($n=12$) que nunca reprovaram (tabela 6).

Tabela 6 Distribuição da amostra face à ocorrência de reprovações

Reprovações	N	%
Sim	21	63,6
Não	12	36,4
Total	33	100,0

Quanto à caracterização do número de reprovações, observa-se que temos uma média de 1,48 reprovações ($Mo=1$; $\sigma=0,680$), com um valor mínimo ($X_{min.}$) de 1 reprovação e um valor máximo ($X_{max.}$) de 3 reprovações (tabela 7).

Tabela 7 Caracterização da amostra face ao número de reprovações

Reprovações	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{min.}$)	Valor Máximo ($X_{max.}$)	N
	1,48	1,00	1	0,680	1	3	33

Analisámos que a maioria dos jovens não beneficia de um currículo alternativo 66,7% (22) da percentagem total enquanto 33,3% (11) dos adolescentes confirmam a existência do mesmo (tabela 8).

Tabela 8 *Distribuição da amostra face à existência de currículo alternativo*

Currículo Alternativo	<i>n</i>	%
Sim	11	33,3
Não	22	66,7
Total	33	100,0

Mediante análise dos resultados obtidos, observamos que 81,8% (27) dos jovens institucionalizados que participaram no estudo não usufruíram de adaptações no currículo no presente ano letivo enquanto 18,2% (6) responderam afirmativamente (tabela 9).

Tabela 9 *Distribuição da amostra face à existência de adaptações curriculares*

Adaptações Curriculares	<i>n</i>	%
Sim	6	18,2
Não	27	81,8
Total	33	100,0

Observamos que 72,7% (24) dos jovens institucionalizados que participaram no estudo tem dificuldades visuais enquanto 27,3 % (9) referem ver bem. Ao nível auditivo, 93,9% (31) refere ouvir bem enquanto 6,1 % (2) têm algumas dificuldades auditivas.

Relativamente a outras dificuldades, os jovens mencionam não as ter 97 % (32) enquanto apenas 1 (3%) respondeu afirmativamente. Na última questão, a maioria dos jovens 97% (32) não respondeu e apenas 1 (3%) mencionou espinha bífida como sendo o seu problema de saúde como se pode observar na tabela 10.

Tabela 10 *Distribuição da amostra face à existência de alterações/dificuldades*

Alterações Visuais	<i>n</i>	%
Sim	24	72,7
Não	9	27,3
Total	33	100,0
Alterações Auditivas	<i>n</i>	%
Sim	31	93,9
Não	2	6,1
Total	33	100,0
Outras dificuldades	<i>n</i>	%
Sim	1	3,0
Não	32	97,0
Total	33	100,0
Quais	<i>n</i>	%
Espinha Bífida	1	3

Não Respondeu	32	97
Total	33	100

Quanto ao tempo de permanência na instituição, verificou-se que 27,3% (9) dos jovens encontrava-se há 1 e 2 anos na instituição respetivamente, 12,2% (4) dos adolescentes permaneciam institucionalizados há 3 anos, 3% (1) estavam na instituição há 4, 5 e 6 anos respetivamente, 6,1% (2) permaneciam há 7 anos e o mesmo 6,1% (2) se aplica aos que se encontravam institucionalizados há 8 anos, 3% (1) estavam na instituição há 9 e 10 anos respetivamente e por fim, cerca de 6,1% (2) se encontravam institucionalizados há mais de 10 anos como refere a tabela 11.

Tabela 11 *Distribuição da amostra face ao tempo de permanência na instituição*

Tempo de Permanência na Instituição	n	%
1 ano	9	27,3
2 anos	9	27,3
3 anos	4	12,2
4 anos	1	3,0
5 anos	1	3,0
6 anos	1	3,0
7 anos	2	6,1
8 anos	2	6,1
9 anos	1	3,0
10 anos	1	3,0
11 anos	2	6,1
Total	33	100,0

Através da tabela 12, podemos observar que a maioria 69,7% (23) dos jovens institucionalizados pertence ao Lar Santa Isabel enquanto cerca de 30,3% (10) pertencem ao Colégio D. Dinis.

Tabela 12 *Distribuição da amostra face às instituições*

Instituição	n	%
Lar Santa Isabel	23	69,7
Colégio D. Dinis	10	30,3
Total	33	100,0

Quanto à constituição familiar dos jovens institucionalizados percebemos que na sua maioria 57,6 % (19) pertenciam a uma família nuclear, 24,2% (8) faziam parte de uma família monoparental, 12,1 (4) habitavam numa família alargada e apenas 6,1% (2) estavam entregues a pessoa idónea (tabela 13).

Tabela 13 *Distribuição da amostra face ao tipo de família*

Tipo de Família	n	%
Monoparental	8	24,2
Nuclear	19	57,6

Alargada	4	12,1
Entrega a pessoa idónea	2	6,1
Total	33	100,0

Como se pode observar na tabela 14, verificamos que 24,2% (8) das crianças e jovens recebem a visita dos pais e dos irmãos, 12,1% (4) são visitados pelos progenitores, 9,1% (3) são visitados apenas pela mãe assim como apenas pelos irmãos, 6,1% (2) são visitados somente pelo pai, 6,1% (2) são visitados somente pelos avós e cerca de 3% (1) são visitados pela mãe e pelos irmãos, 3% (1) são visitados pela mãe acompanhada pelos irmãos e pelos tios, 3% (1) são visitados pelos irmãos acompanhados dos avós, 3% (1) são visitados pelos avós e tios, 3% (1) são visitados pela mãe acompanhada dos avós e dos tios e apenas 3% (1) não respondeu.

Tabela 14 *Caraterização da amostra face às visitas na instituição*

Visitas na Instituição	n	%
Mãe	3	9,1
Pai	2	6,1
Mãe + pai	4	12,1
Irmãos	3	9,1
Mãe + Pai + Irmãos	8	24,2
Avós	2	6,1
Mãe + Tios	3	9,1
Mãe + Irmãos	1	3,0
Mãe + irmãos + tios	1	3,0
Mãe + tios + vizinhos	2	6,1
Irmãos + avós	1	3,0
Avós + tios	1	3,0
Mãe + avós + tios	1	3,0
Não Respondeu	1	3,0
Total	33	100,0

Após a análise descritiva da amostra e do questionário sociodemográfico, segue-se a análise dos resultados obtidos nas escalas que compõem o inventário de hábitos de estudo (IHE).

Assim, observando o perfil do inventário de hábitos de estudo nº 1 de acordo com a tabela de normas para estudantes do 11º ano de ambos os sexos, podemos afirmar que quanto às condições ambientais de estudo (AMB), o nº 1 obteve 7 na pontuação direta, 1 no percentil o que corresponde a um eneapito de valor 1 obtendo a classificação de Mau. Relativamente à planificação do estudo (PLA), obteve 7 na pontuação direta, 3 no percentil o que corresponde a um eneapito de valor 1 alcançando novamente a classificação de Mau. Quanto à utilização de materiais (MAT), obteve 12 na pontuação direta, 4 no percentil o que nos dá um eneapito de valor 1 o que equivale a uma classificação de Mau. Na assimilação de conteúdos (ASS), obteve 20 na pontuação direta, 35 no percentil o que nos dá um eneapito de valor 4 o que

equivale a uma classificação de Médio. Por último, na sinceridade (SIN), obteve 13 na pontuação direta, 30 no percentil o que corresponde a um eneapito de valor 4 equivalente a uma classificação de Médio (Figura 1).

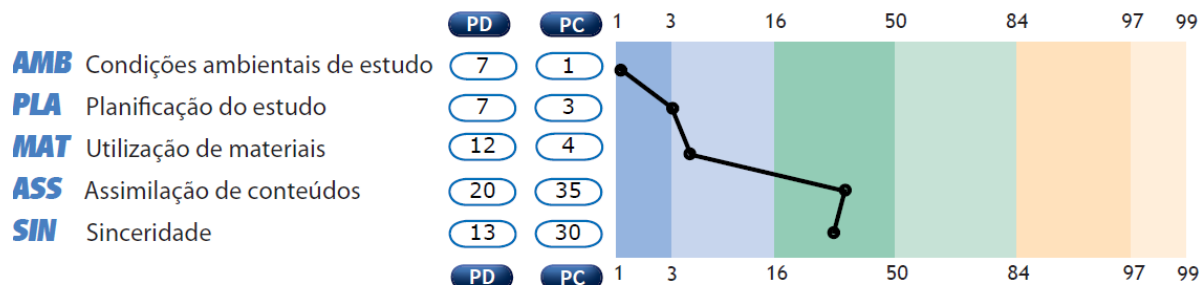


Figura 1: Perfil IHE 1

Analisando o perfil IHE do aluno nº2 de acordo com a tabela de normas para estudantes do 10º ano para ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 26 na pontuação direta (PD), um percentil (PC) de 65 o que corresponde a um eneapito de 6 obtendo uma classificação de médio. Quanto à PLA, foi obtido 11 na PD e 30 no PC o que corresponde a um eneapito de 4 o que equivale a uma classificação de médio. Na MAT obteve 20 na PD e 40 no PC o que corresponde a um eneapito de 4 obtendo novamente a classificação de médio. Relativamente à ASS, foi obtido 24 na PD e 70 no PC que corresponde a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação de médio. Por último, quanto à SIN, foi obtido 19 na PD e 95 no PC o que corresponde a um eneapito de 8 alcançando uma classificação de bom (figura 2).

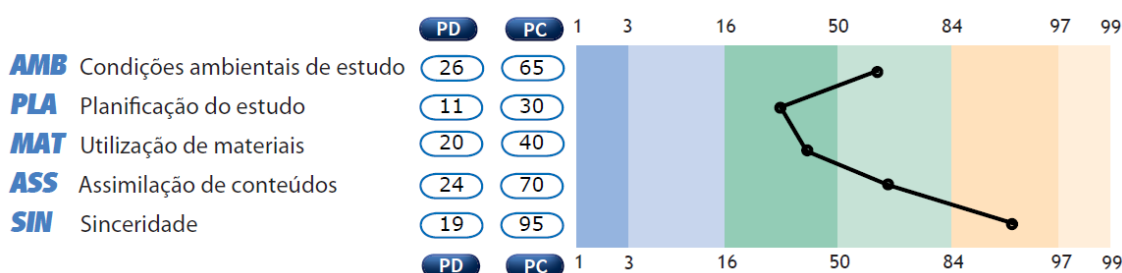
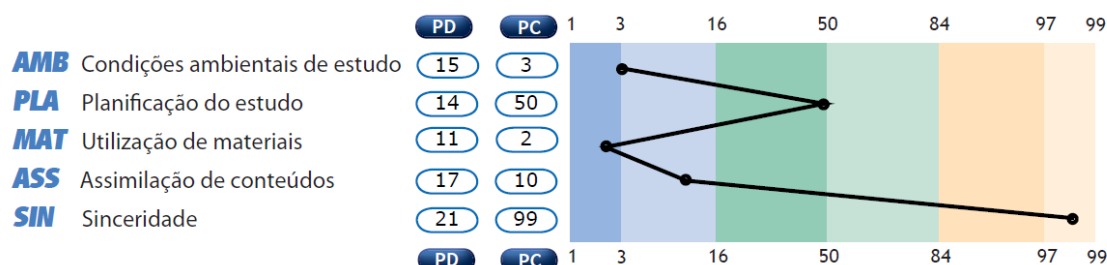


Figura 2: Perfil IHE 2

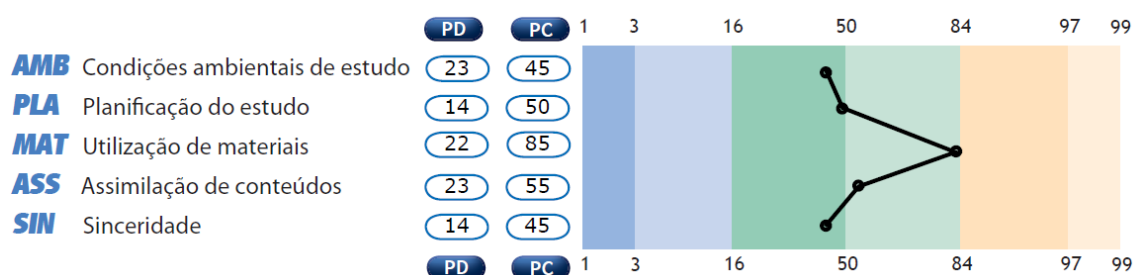
Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 3 de acordo com as tabelas de normas para estudantes do 8º ano para ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB obteve 15 na pontuação direta (PD), 3 no percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1



obtendo uma classificação de Mau. Na PLA, obteve 14 na pontuação direta (PD), 50 no percentil o que corresponde a um eneapito de 5 conseguindo uma classificação média. Quanto à MAT, obteve 11 na pontuação direta (PD), 2 no percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 equivalente a uma má classificação. Relativamente à ASS, alcançou 17 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 2 o que corresponde a uma avaliação de não satisfatório. Por fim, na SIN obteve 21 na pontuação direta, 99 no percentil o que corresponde a um eneapito de 9 conquistando excelente na sua classificação (figura 3).

Figura 3: Perfil IHE 3

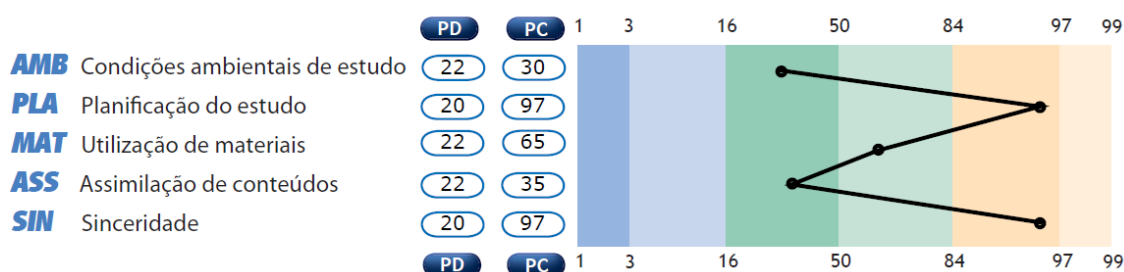
Analisando o perfil do IHE do aluno institucionalizado nº 4 de acordo com as tabelas de normas para estudantes do 7º ano de escolaridade, podemos observar que na escala AMB, este obteve 23 na pontuação direta (PD), 45 no percentil (PC) o que equivale a um eneapito



de 5 o que corresponde a uma classificação mediana. Relativamente à PLA, obteve 14 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que se traduz num eneapito de valor 5 o que equivale a uma classificação média. Na MAT, a pontuação direta (PD) é de 22 e o percentil (PC) de 85 o que corresponde a um eneapito de 7 equivalente a uma boa classificação. Na ASS, obteve 23 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 5 o que equivale a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 14 na pontuação direta (PD), 45 no percentil (PC) obtendo um eneapito de 5 obtendo uma classificação média (figura 4).

Figura 4: Perfil IHE 4

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 5 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este



obteve 22 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 4 equivalente a uma classificação média. Na PLA, obteve 20 na pontuação direta (PD), 97 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 9 o que corresponde a uma classificação de excelente. Relativamente à MAT, esteve obteve 22 na pontuação direta (PD), 65 no percentil o que corresponde a um eneatispo de 6 o que equivale a uma classificação média. Na ASS, obteve 22 na pontuação direta (PD), 35 no percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 4 o que equivale a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 20 na pontuação direta (PD), 97 no percentil o que corresponde a um eneatispo de 9 o que equivale a uma excelente classificação (figura 5).

Figura 5: Perfil IHE 5

Analisando o perfil do IHE do aluno institucionalizado nº 6 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 28 na pontuação direta (PD), 85 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 7 o que equivale a uma boa classificação. Na PLA, obteve 10 na pontuação direta (PD), 25 de percentil o que equivale a um eneatispo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à MAT, obteve 23 na pontuação direta (PD), 75 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 6 o que equivale a uma classificação média. Na ASS, obteve 18 de pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 2 o que corresponde a uma má classificação. Por fim, na SIN obteve 18 na pontuação direta (PD), 85 de percentil o que corresponde a um eneatispo de 7 o que equivale a uma boa classificação (figura 6).

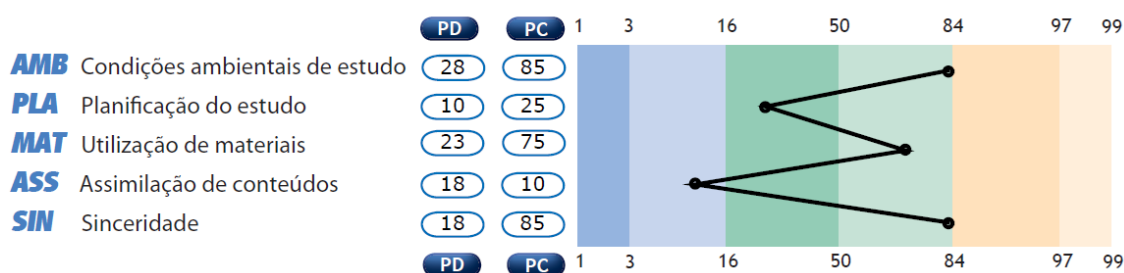


Figura 6: Perfil IHE 6

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 7 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 21 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 4 o que equivale a uma média classificação. Na PLA, obteve 18 na pontuação direta (PD), 95 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 8 o que corresponde a uma boa

classificação. Relativamente à MAT, obteve 15 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 2 correspondendo a uma má classificação. Quanto à ASS, obteve 21 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 16 na pontuação direta (PD), 65 de percentil o que corresponde a um eneatipo de 6 o que equivale a uma classificação média (figura 7).

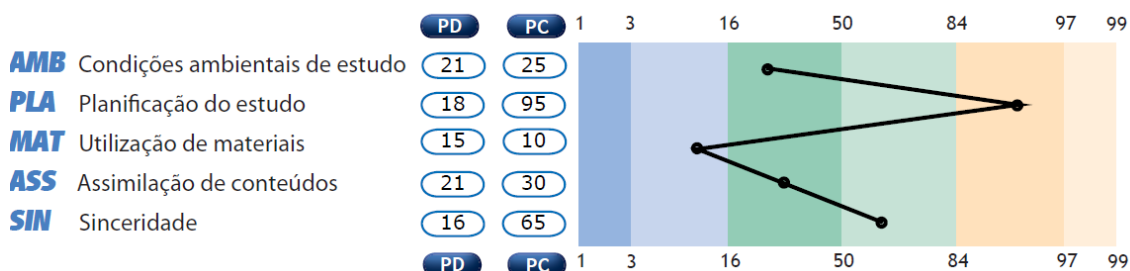


Figura 7: Perfil IHE 7

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 8 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 10º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMBI este obteve 25 na pontuação direta (PD), 60 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 5 o que equivale a uma classificação média. Quanto à PLA, obteve 13 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à MAT, obteve 19 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 4 o que equivale a uma classificação média. Na ASS, obteve 22 na pontuação direta (PD), 45 de percentil (PC) o que nos leva a um eneatipo de 5 correspondendo a uma classificação média. Por fim, na SIN alcançou 10 na pontuação direta (PD), 5 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 2 equivalente a uma má classificação (figura 8).

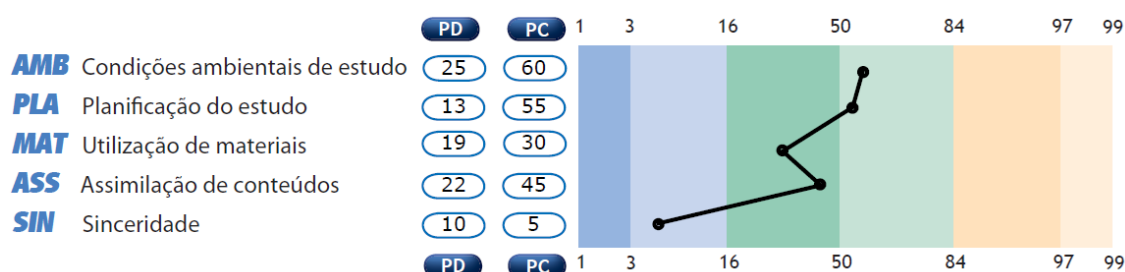


Figura 8: Perfil IHE 8

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 9 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 10º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMBI este

obteve 19 na pontuação direta (PD), 20 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 3 equivalente a uma classificação não satisfatória. Relativamente à PLA, obteve 13 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 5 que corresponde a uma classificação média. Na MAT, obteve 13 na pontuação direta (PD), 2 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 equivalente a uma má classificação. Quanto à ASS, obteve 18 na pontuação direta (PD), 10 no percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Por fim, na SIN obteve 12 na pontuação direta (PD), 15 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 3 o que corresponde a uma classificação média (figura 9).

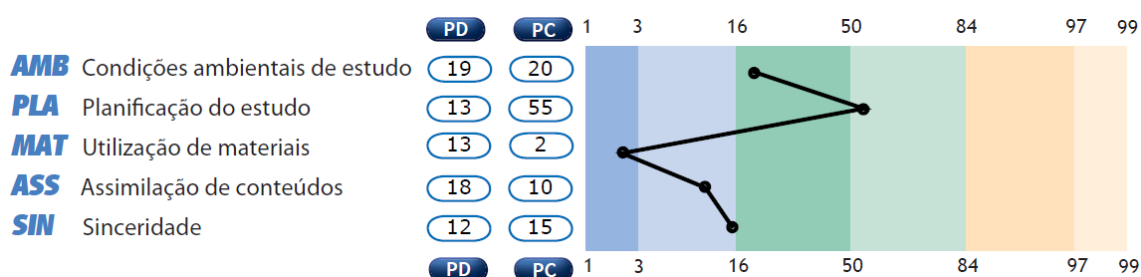


Figura 9: perfil IHE 9

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 10 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 25 na pontuação direta (PD), 60 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 5 o que equivale a uma classificação média. Na PLA, obteve 15 na pontuação direta (PD), 65 de percentil o que equivale a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à MAT, obteve 24 na pontuação direta (PD), 90 de percentil o que corresponde a um eneapito de 8 o que equivale a uma boa classificação. Na ASS, obteve 20 na pontuação direta (PD) e 20 de percentil (PC), o que corresponde a um eneapito de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Por último, na SIN obteve 18 na pontuação direta (PD), e 85 de percentil (PC), o que corresponde a um eneapito de 7 o que equivale a uma boa classificação (figura 10).

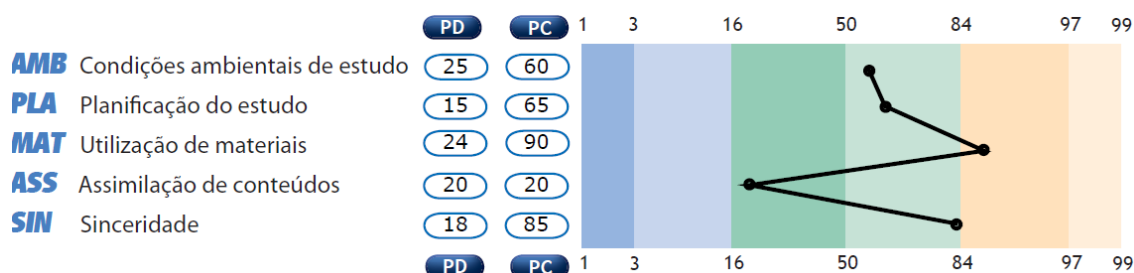
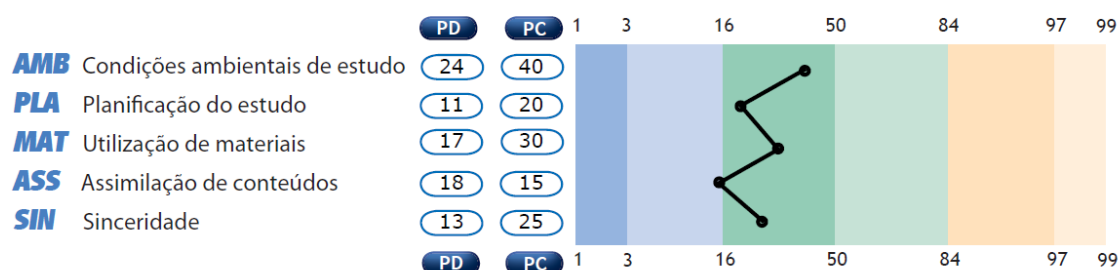


Figura 10: Perfil IHE 10

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 11 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 8º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 24 na pontuação direta (PD), 40 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 4 equivalente a uma classificação média. Na PLA, obteve 11 na pontuação direta (PD), 20 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Quanto à MAT, obteve 17 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Na ASS, obteve 18 na pontuação direta (PD), 15 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 3 o que equivale a uma classificação não satisfatória. Por último, na SIN obteve 13 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 4 o que



equivale a uma classificação média (figura 11).

Figura 11 – Perfil IHE 11

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 12 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 10º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 21 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à PLA, obteve 8 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Na MAT, obteve 10 na pontuação direta (PD), 1 de percentil o que corresponde a um eneatipo de 1 o que equivale a uma má classificação. Quanto à ASS, obteve 18 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Por fim, na SIN obteve 10 na pontuação direta (PD), 5 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória (figura 12).

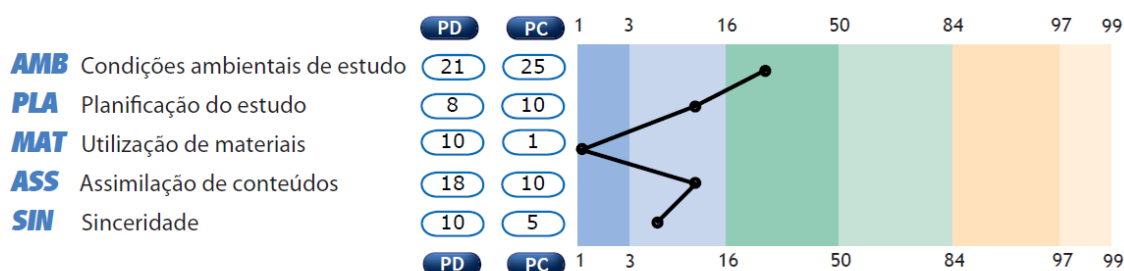
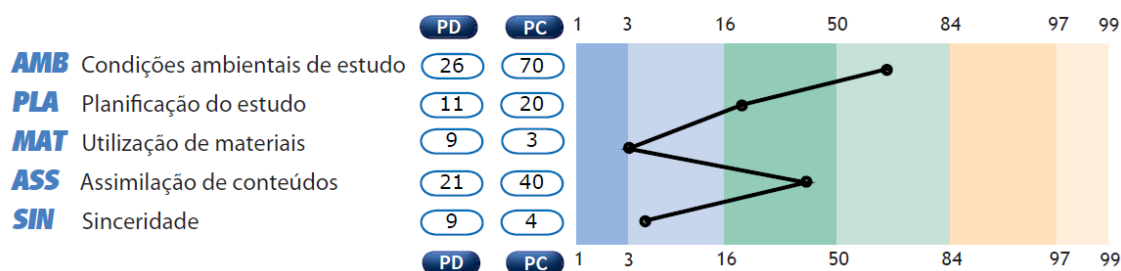


Figura 12 – Perfil IHE 12

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 13 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 26 na pontuação direta (PD), 70 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 6 o que corresponde a uma classificação média. Quanto à PLA, obteve 11 na pontuação direta (PD), 20 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Na MAT, obteve 9 na pontuação direta (PD), 3 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 1 o que corresponde a uma má classificação. Relativamente à ASS, obteve 21 na pontuação direta (PD), 40 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 9 na pontuação direta (PD), 4 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 1 o que corresponde a uma má classificação (figura 13).

**Figura 13 – Perfil IHE 13**

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 14 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 19 na pontuação direta (PD), 20 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Quanto à PLA, obteve 9 na pontuação direta (PD), 15 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Na MAT, obteve 14 na pontuação direta (PD), 10 de percentil o que equivale a um eneatispo de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Relativamente à ASS, obteve 16 na pontuação direta (PD), 5 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 2 o que equivale a uma classificação não satisfatória. Por fim, na SIN obteve 11 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória (figura 14).

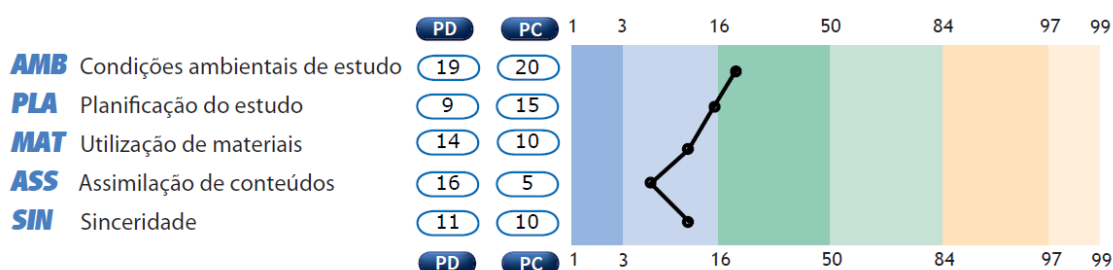
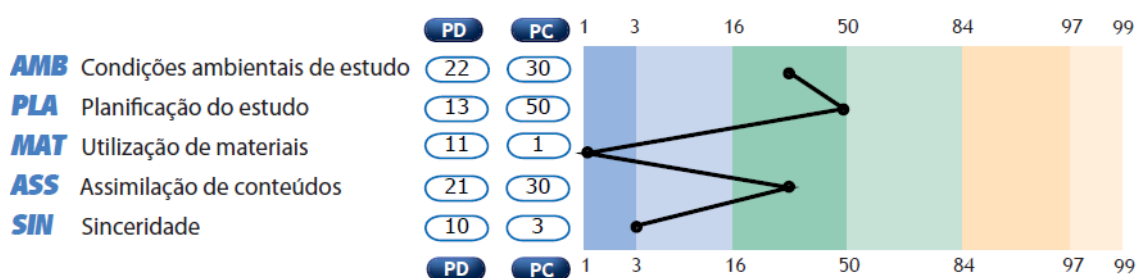


Figura 14 – Perfil IHE 14

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 15 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9.º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 22 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Quanto à PLA, obteve 13 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à MAT, obteve 11 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 1 o que corresponde a uma má classificação. Na ASS, obteve 21 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 4 o que equivale a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 10 na pontuação direta (PD), 3 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 1 o que corresponde a uma má classificação (figura 15).

**Figura 15 – Perfil IHE 15**

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 16 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9.º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 27 na pontuação direta (PD), 75 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 6 o que corresponde a uma classificação média. Quanto à PLA, obteve 23 na pontuação direta (PD), 99 no percentil o que equivale a um eneatipo de 9 o que corresponde a uma excelente classificação. Na MAT, obteve 12 na pontuação direta (PD), 3 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 1 o que equivale a uma má classificação. Na ASS, obteve 24 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 12 na pontuação direta (PD), 20 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 3 o que equivale a uma classificação não satisfatória (figura 16).

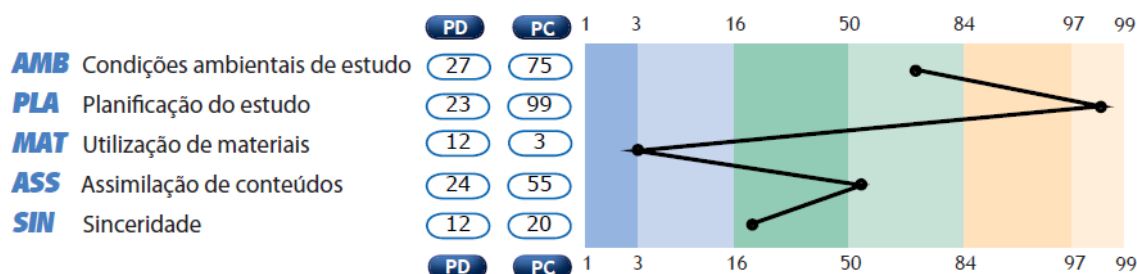
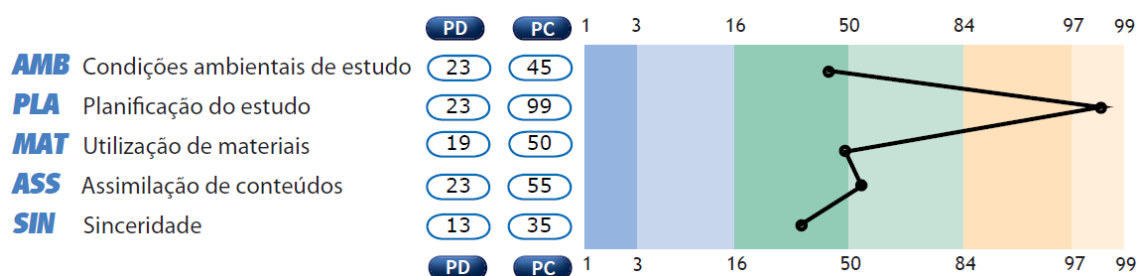


Figura 16 – Perfil IHE 16

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 17 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7.º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 23 na pontuação direta (PD), 45 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Na PLA, obteve 23 na pontuação direta (PD), 99 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 9 o que corresponde a uma excelente classificação. Quanto à MAT, obteve 19 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Na ASS, obteve 23 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 5 o que equivale a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 13 na pontuação direta (PD), 35 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média (figura 17).

**Figura 17 – Perfil IHE 17**

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 18 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7.º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 30 na pontuação direta (PD), 96 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 8 o que corresponde a uma boa classificação. Quanto à PLA, obteve 19 na pontuação direta (PD), 90 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 8 o que corresponde a uma boa classificação. Na MAT, obteve 22 na pontuação direta (PD), 85 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 7 o que equivale a uma boa classificação. Relativamente à ASS, obteve 22 na pontuação direta, 45 de percentil o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 15 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 5 o que corresponde a uma classificação média (figura 18).

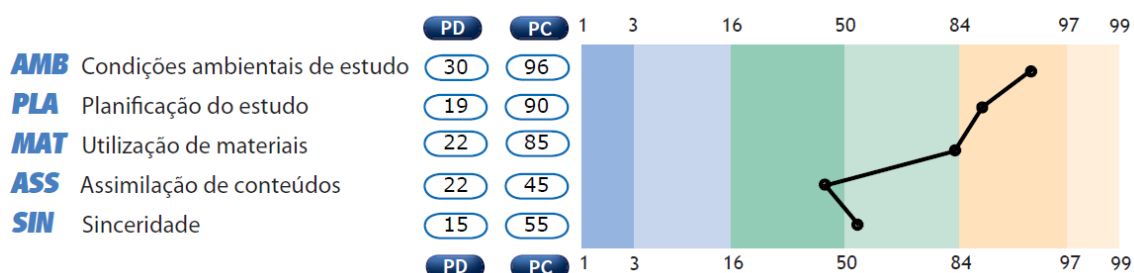
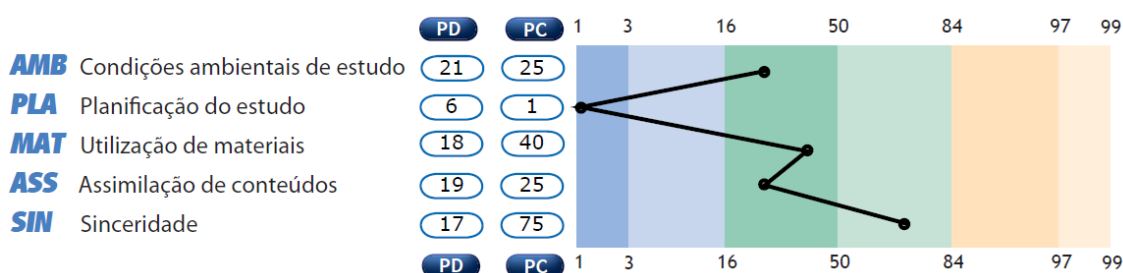


Figura 18 – Perfil IHE 18

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 19 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7.º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 21 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à PLA, obteve 6 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 1 o que equivale a uma má classificação. Quanto à MAT, obteve 18 na pontuação direta (PD), 40 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Na ASS, obteve 19 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 17 na pontuação direta (PD), 75 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 6 o que corresponde a uma classificação média (figura 19).

**Figura 19 – Perfil IHE 19**

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 20 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 8.º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 24 na pontuação direta (PD), 40 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Na PLA obteve 14 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatipo de 5 o que equivale a uma classificação média. Quanto à MAT obteve 17 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Relativamente à ASS obteve 24 na pontuação direta, 65 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 6 o que corresponde a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 16 na pontuação direta, 65 de percentil (PC) o que equivale a um eneatipo de 6 o que corresponde a uma classificação média (figura 20).

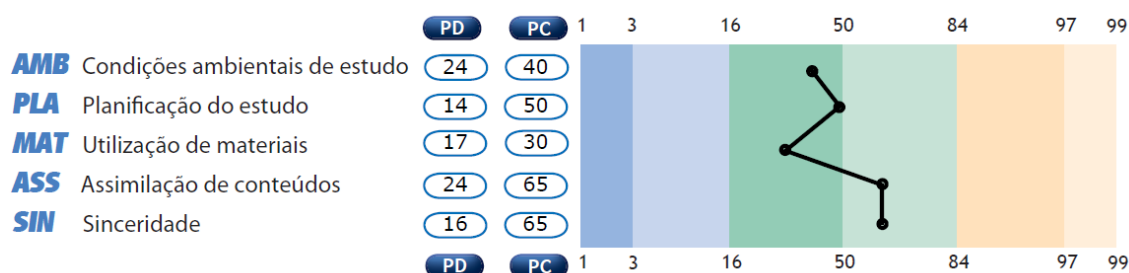
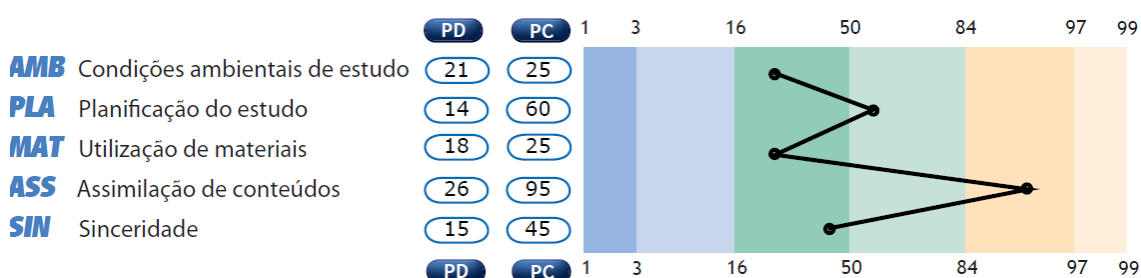


Figura 20 – Perfil IHE 20

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 21 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 10º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 21 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 4 o que equivale a uma classificação média. Quanto à PLA, obteve 14 na pontuação direta (PD), 60 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 5 o que corresponde a uma classificação média. Na MAT, obteve 18 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 4 o que equivale a uma classificação média. Relativamente à ASS, obteve 26 na pontuação direta (PD), 95 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 8 o que corresponde a uma boa classificação. Por fim, na SIN obteve 15 na pontuação direta, 45 de percentil o que corresponde a um eneatispo de 5 o que equivale a uma classificação média (figura 21).

**Figura 21 – Perfil IHE 21**

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 22 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 17 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 2 o que equivale a uma classificação não satisfatória. No que diz respeito à PLA obteve 4 na pontuação direta, 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneatispo de 1 o que corresponde a uma má classificação. Quanto à MAT obteve 23 na pontuação direta (PD), 90 de percentil o que equivale a um eneatispo de 8 o que corresponde a uma boa classificação. Na ASS, obteve 23 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que corresponde a um eneatispo de 5 o que equivale a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 20 na pontuação direta (PD), 99 de percentil o que equivale a um eneatispo de 9 o que corresponde a uma excelente classificação (figura 22).

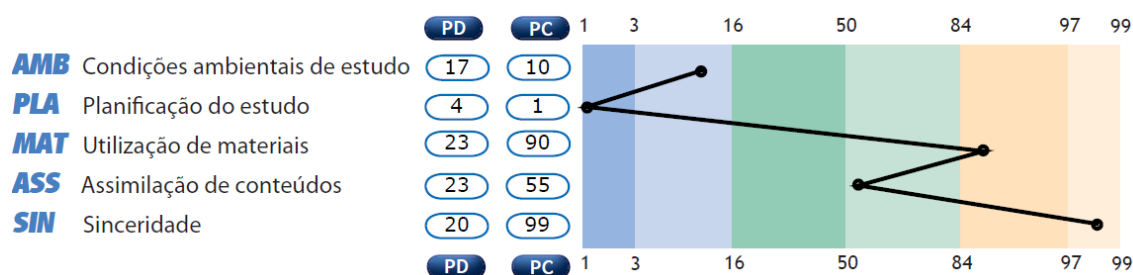


Figura 22 – Perfil IHE 22

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 23 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 23 na pontuação direta (PD), 45 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 5 o que corresponde a uma classificação média. Quanto à PLA, obteve 18 na pontuação direta (PD), 85 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 7 o que equivale a uma boa classificação. Na MAT, obteve 20 na pontuação direta (PD), 60 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 5 o que equivale a uma classificação média. Relativamente à ASS, obteve 25 na pontuação direta (PD), 80 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 7 o que corresponde a uma boa classificação. Por fim, na SIN, obteve 14 na pontuação direta (PD), 45 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 5 o que corresponde a uma classificação média (figura 23).

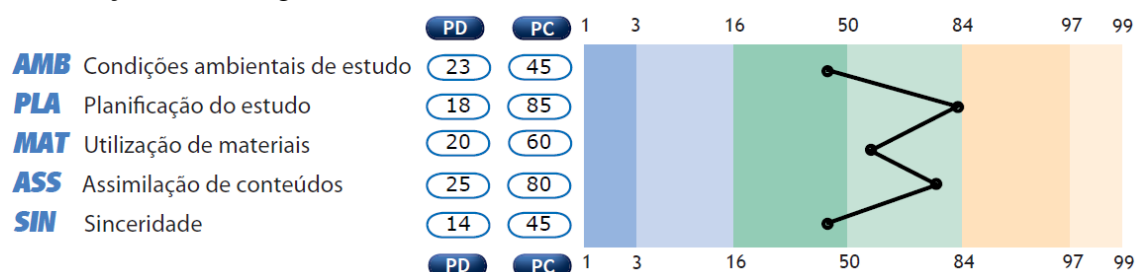


Figura 23 – Perfil IHE 23

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 24 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 24 na pontuação direta (PD), 50 de percentil o que equivale a um eneapito de 5 o que corresponde a uma classificação média. Na PLA, obteve 16 na pontuação direta (PD), 75 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 6 o que equivale a uma classificação média. Quanto à MAT, obteve 15 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Relativamente à ASS, obteve 17 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. No que

diz respeito à SIN, obteve 15 na pontuação direta (PD), 55 de percentil (PC) o que equivale a um eneapelo de 5 o que corresponde a uma classificação média (figura 24).

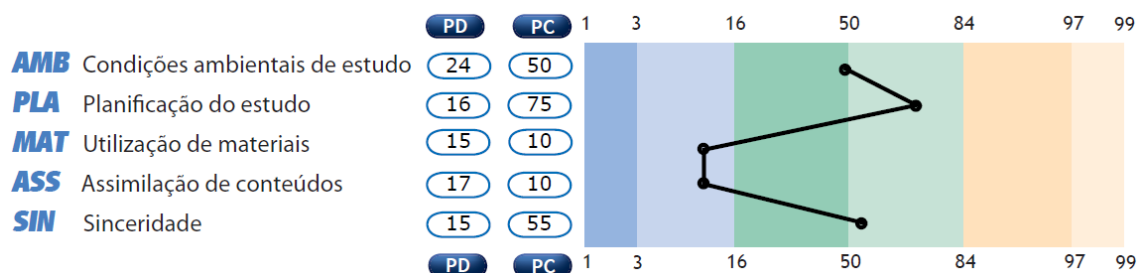


Figura 24 – Perfil IHE 24

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 25 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 12 na pontuação direta (PD), 1 de percentil o que corresponde a um eneapelo de 1 o que equivale a uma má classificação. Quanto à PLA, obteve 6 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneapelo de 1 o que corresponde a uma má classificação. Na MAT, obteve 11 na pontuação direta (PD), 5 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapelo de 2 o que equivale a uma classificação não satisfatória. Relativamente à ASS, obteve 12 na pontuação direta (PD), 3 de percentil (PC) o que equivale a um eneapelo de 1 o que corresponde a uma má classificação. Por fim, na SIN obteve 16 na pontuação direta (PD), 70 de percentil o que equivale a um eneapelo de 6 o que corresponde a uma classificação média (figura 25).

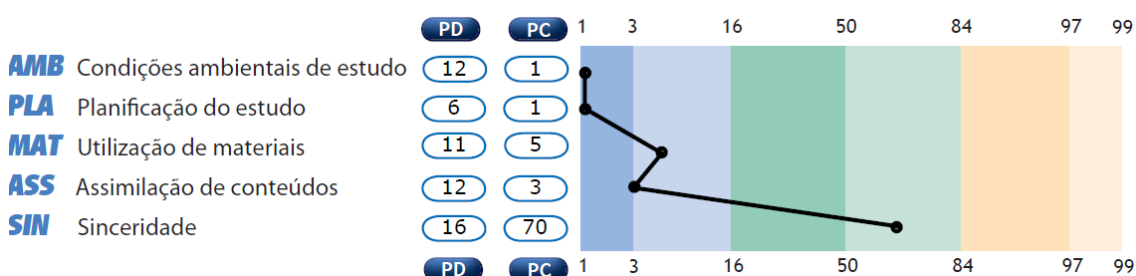


Figura 25 – Perfil IHE 25

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 26 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 20 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que equivale a um eneapelo de 4 o que corresponde a uma classificação média. Na PLA, obteve 13 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapelo de 5 o que equivale a uma classificação média. Quanto à MAT, obteve 10 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapelo de 1 o que equivale a uma má classificação. Relativamente à ASS,

obteve 21 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 4 o que corresponde a uma classificação média. Por último, na SIN obteve 19 na pontuação direta (PD), 95 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 8 o que corresponde a uma boa classificação (figura 27).

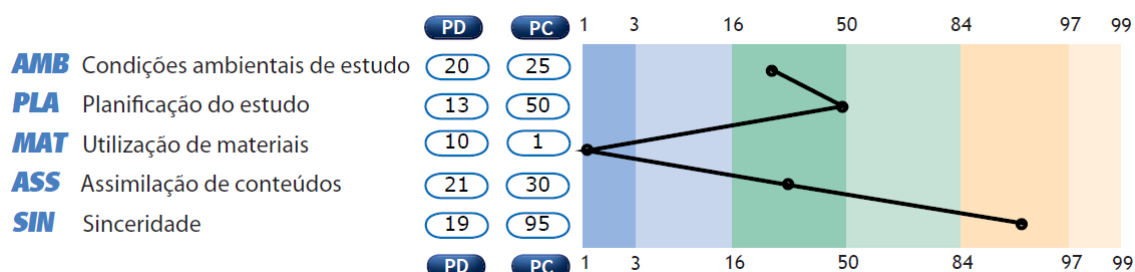


Figura 26 – Perfil IHE 26

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 27 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 8º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 27 na pontuação direta (PD), 70 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 6 o que equivale a uma classificação média. Relativamente à PLA, obteve 14 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 5 o que corresponde a uma classificação média. Na MAT, obteve 19 na pontuação direta (PD), 50 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 5 o que equivale a uma classificação média. Na ASS, obteve 21 na pontuação direta (PD), 35 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 4 o que equivale a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 13 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 4 o que equivale a uma classificação média (figura 27).

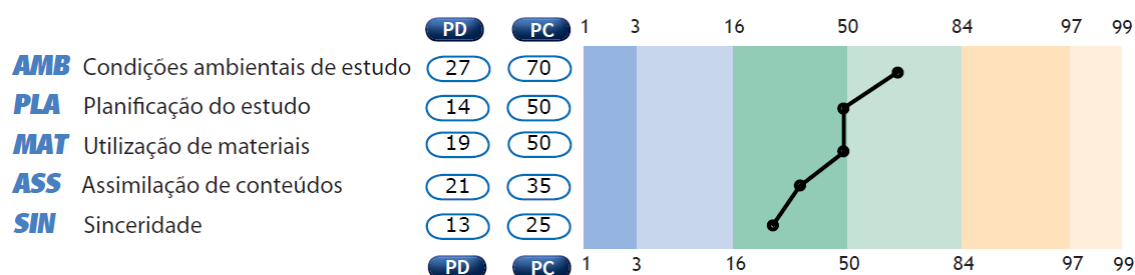


Figura 27 – Perfil IHE 27

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 28 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 21 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 4 o que corresponde a uma classificação média. Na PLA, obteve 1 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação.

Quanto à MAT, obteve 10 na pontuação direta (PD), 4 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Relativamente à ASS, obteve 13 na pontuação direta (PD), 4 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Por fim, na SIN obteve 19 na pontuação direta (PD), 95 de percentil o que equivale a um eneapito de 8 o que corresponde a uma boa classificação (figura 28).

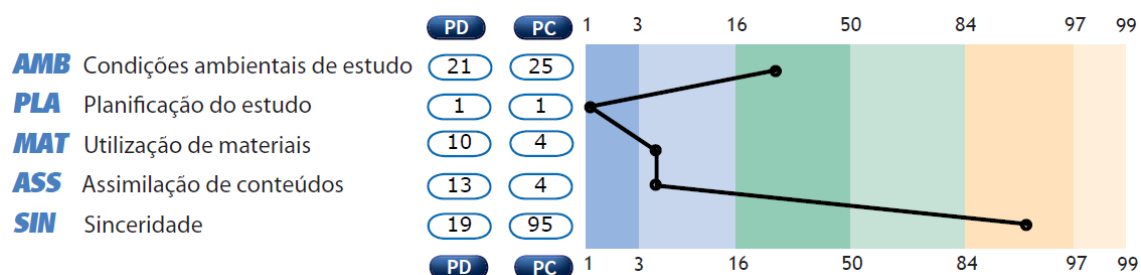


Figura 28 – Perfil IHE 28

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 29 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 8 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 o que equivale a uma má classificação. Quanto à PLA, obteve 2 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Na MAT obteve 1 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 o que equivale a uma má classificação. Relativamente à ASS, obteve 13 na pontuação direta (PD), 4 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Por último, na SIN obteve 16 na pontuação direta (PD), 70 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação média (figura 29).

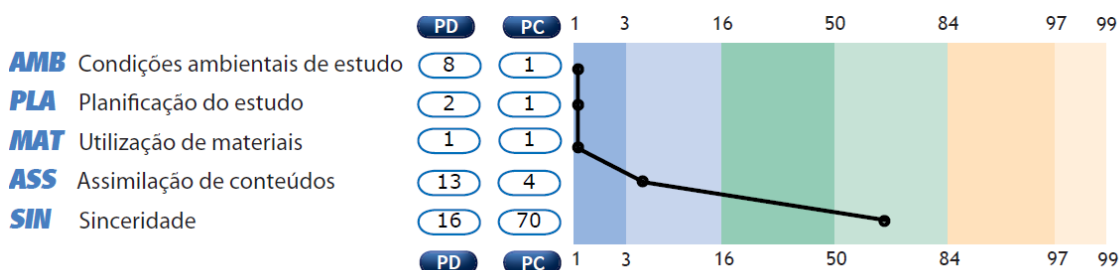


Figura 29 – Perfil IHE 29

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 30 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este

obteve 19 na pontuação direta (PD), 15 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Quanto à PLA obteve 10 na pontuação direta (PD), 15 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Na MAT obteve 2 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 o que equivale a uma má classificação. Relativamente à ASS, obteve 11 na pontuação direta (PD), 2 de percentil o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Por fim, na SIN obteve 17 na pontuação direta (PD), 75 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 6 o que equivale a uma classificação média (figura 30).

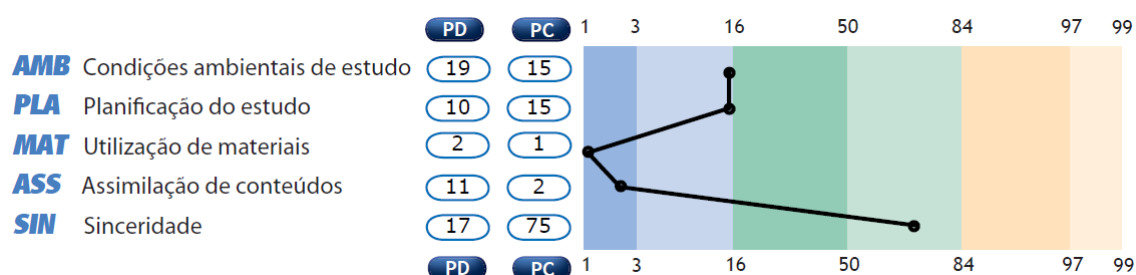


Figura 30 – Perfil IHE 30

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 31 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 7º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 14 na pontuação direta (PD), 3 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 o que equivale a uma má classificação. Na PLA obteve 11 na pontuação direta (PD), 20 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 3 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Relativamente à MAT obteve 3 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Quanto à ASS obteve 9 na pontuação direta (PD), 1 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 1 o que corresponde a uma má classificação. Por último na SIN obteve 16 na pontuação direta (PD), 70 de percentil o que equivale a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação média (figura 31).

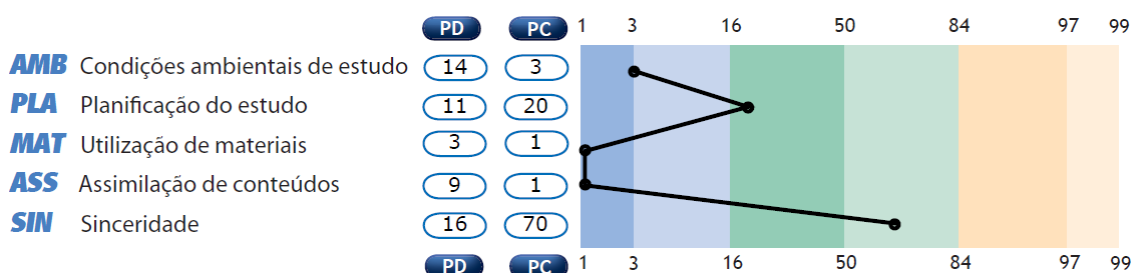


Figura 31 – Perfil IHE 31

Observando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 32 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 26 na pontuação direta (PD), 70 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação média. Quanto à PLA obteve 16 na pontuação direta (PD), 75 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação média. Na MAT obteve 12 na pontuação direta (PD), 3 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 1 o que equivale a uma má classificação. Relativamente à ASS obteve 18 na pontuação direta (PD), 10 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 2 o que corresponde a uma classificação não satisfatória. Por fim, na SIN obteve 14 na pontuação direta (PD), 40 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 4 o que corresponde a uma classificação média (figura 32).

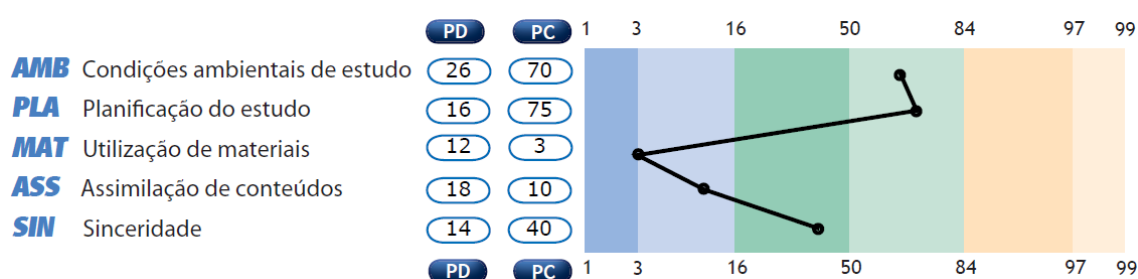


Figura 32 – Perfil IHE 32

Analisando o perfil IHE do aluno institucionalizado nº 33 de acordo com as tabelas de normas para os alunos do 9º ano de ambos os sexos, verifica-se que na escala AMB este obteve 23 na pontuação direta (PD), 40 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 4 o que equivale a uma classificação média. Na PLA obteve 11 na pontuação direta (PD), 30 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 4 o que corresponde a uma classificação média. Quanto à MAT obteve 18 na pontuação direta (PD), 25 de percentil (PC) o que corresponde a um eneapito de 4 o que equivale a uma classificação média. Relativamente à ASS obteve 22 na pontuação direta (PD), 35 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 4 o que corresponde a uma classificação média. Por fim, na SIN obteve 16 na pontuação direta (PD), 65 de percentil (PC) o que equivale a um eneapito de 6 o que corresponde a uma classificação média (figura 33).

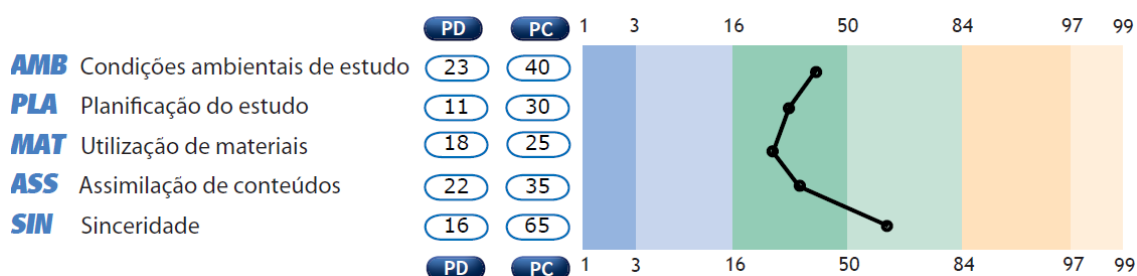


Figura 33 – Perfil IHE 33

3. Discussão dos resultados

Neste capítulo apresentamos a confrontação dos resultados obtidos na investigação com os resultados obtidos pelos autores que constam no subcapítulo 4 (Parte I), que integram a revisão da literatura.

Dos questionários preenchidos pelos jovens institucionalizados que participaram no estudo ($N=33$) conclui-se que a média de idades é de 14,61 anos de idade ($M=15,00$; $\sigma=1,78$), com um valor mínimo ($X_{min.}$) de 12 anos de idade e um valor máximo ($X_{max.}$) de 18 anos de idade. No estudo de Ramalho (2001) sobre os hábitos de estudo em estudantes do 3º ciclo do ensino básico e do 1º ano do ensino secundário evidenciou uma média de idades um pouco acima, 15 anos em que o valor mínimo (X_{min}) de 11 e um valor máximo (X_{max}) de 17 anos. Por sua vez, Santos (2009) efetuou um estudo com um conjunto de participantes ($N= 27$) em que se verificou que a média de idades se fixou nos 14 anos tal como no presente estudo e com um valor mínimo (X_{min}) de 6 e valor máximo (X_{max}) de 21. Finalmente, Esteves (2011) no estudo elaborado por si, com uma amostra de 70 jovens, a média de idades dos participantes foi 15 anos ($M= 15,4$) com um valor mínimo de 12 anos (X_{min}) e um valor máximo de 18 anos (X_{max}). Em suma, a média de idades do presente estudo encontra-se dentro das idades médias encontradas noutras investigações.

Também é possível concluir que 69,7% dos jovens que participaram no estudo são do sexo feminino e 30,3% são do sexo masculino, representando uma amostra total de 33 jovens. Apesar de no estudo de Ramalho (2011) a amostra total ser maior que a do presente estudo com 493 participantes, verificou-se que 256 dos participantes eram do sexo masculino e 237 dos participantes eram do sexo feminino. Assim como, no estudo elaborado por Esteves (2011) com uma amostra total de 70, 56 eram do sexo feminino e 14 eram do sexo masculino. Assim, 80% pertencem ao sexo feminino. Por sua vez, Carvalho (2012) registou uma amostra total de 146 participantes, 47,9% do género masculino e 52,1% do género feminino.

Finalmente, Santos (2009) debruçou o seu estudo unicamente sobre o sexo feminino. Assim é possível concluir que tanto o presente estudo como os outros estudos referenciados debruçam-se sobre uma amostra, na sua maioria do sexo feminino, contudo no estudo efetuado por Ramalho (2011), a amostra foi constituída na sua maioria por participantes do sexo masculino.

Dos resultados apurados conclui-se que 66,7% dos jovens frequentam o 3º ciclo de escolaridade enquanto 15,2% frequenta o 2º ciclo de escolaridade e, somente 18,2% é que frequenta o ensino secundário. No estudo proferido por Esteves (2011), 54,3% frequenta o 3º ciclo de escolaridade e apenas 17,1% frequenta o ensino secundário. Sendo possível concluir que no presente estudo a maioria dos participantes frequenta o 3º ciclo e o mesmo acontece no estudo acima referenciado.

No presente estudo conclui-se que face à ocorrência de reprovações, 63,6% dos jovens institucionalizados já reprovaram ao contrário de 36,4% que nunca reprovaram. Esteves (2011) concluiu que 93,1% dos jovens já reprovou e apenas 6,9% não apresenta qualquer retenção. Por sua vez, Carvalho (2012) concluiu que apenas 29,5% dos jovens referem nunca ter reprovado e 69,9% afirmam não ter qualquer reprovação. Tanto no presente estudo como no estudo de Esteves (2011) a maioria dos participantes já vivenciou pelo menos uma retenção enquanto no estudo de Carvalho (2012) o mesmo não acontece.

Relativamente à existência de um currículo alternativo a maioria dos jovens não beneficia do mesmo, 66,7% da percentagem total enquanto 33,3% dos adolescentes confirmam ter obtido um currículo escolar alternativo. Quanto às adaptações no currículo, 81,8% dos jovens institucionalizados que participaram no estudo não usufruíram de adaptações no currículo no presente ano letivo enquanto 18,2% responderam afirmativamente. No estudo de Esteves (2011) subordinado ao tema foi possível verificar que em 88,6% não lhes foi aplicado um curriculum alternativo ou adaptações no currículo e apenas 11,4% tinham um currículo alternativo.

Em relação aos hábitos de estudo, nomeadamente, no que se refere aos resultados obtidos nas escalas que compõem o inventário de hábitos de estudo (IHE) foi efectuado uma análise individual do perfil obtido de cada participante. Os resultados mostram que o perfil das crianças e jovens prendem-se, na sua maioria, com resultados algo surpreendentes nas várias escalas. Assim, ao nível das condições ambientais de estudo observou-se que a maioria considera ter boas condições ambientais e físicas enquanto um pequeno grupo de crianças não está completamente satisfeito.

Ao nível da planificação de estudo, verificou-se que a maioria obteve uma classificação média tendo alguns participantes obtido a nota máxima o que revela boas capacidades de planificação e organização de estudo. Ao nível da utilização de materiais, os resultados situaram-se entre o mau e o não satisfatório sendo a escala com os piores resultados tal como no estudo efectuado por Pozar (1997). Quanto à capacidade de assimilação, os resultados são pouco satisfatórios, embora os resultados se situem entre o mau e o médio. Por último, a sinceridade foi a escala que obteve melhores resultados sendo que os resultados se situaram entre o médio e o bom.

Efetivamente, as evidências encontradas revelam que as crianças e jovens institucionalizadas estão um pouco satisfeitas com as suas condições ambientais de estudo, evidenciam algumas capacidades de organização e planificação do seu estudo, não se sentem satisfeitas com o acesso e utilização dos materiais necessários ao seu estudo e, por fim, revelam algumas dificuldades ao nível da assimilação de conteúdos algo que pode ser explicado devido às experiências e percursos de vida dos mesmos.

Assim, parece-nos importante refletir sobre a utilização dos materiais e recursos disponíveis bem como a abordagem que é feita na instituição de acolhimento ao nível da motivação dos jovens de forma a promoverem as competências de estudo destas crianças e jovens.

Os resultados mostram que, ao nível dos hábitos de estudo não existem diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino, embora as raparigas consigam obter pontuações maiores que os rapazes em algumas escalas. Os problemas de aprendizagem podem ser justificados, pela ausência ou uso inapropriado de estratégias de estudo e pela não existência de hábitos de trabalho favoráveis à aprendizagem. Não podemos deixar de acrescentar que o facto de estas crianças e jovens apresentarem um fraco rendimento escolar leva a uma postura negativa face ao estudo, à desmotivação, a um tempo de estudo limitado e pouco produtivo levando a que estas crianças e jovens não percecionem a vantagem de adquirir estratégias de aprendizagem benéficas para o seu sucesso escolar. Os resultados mostram ainda que quando se analisa os hábitos de estudo das crianças e jovens das instituições abordadas parece não existir diferenças na forma como estas trabalham com as crianças e jovens, de forma a promover o seu sucesso escolar.

A maioria dos estudos concentra-se nas estratégias de aprendizagem e nos fatores que mais contribuem para o insucesso escolar, tais como, a desmotivação e a memória e acabam por não analisar os hábitos de estudo utilizados pelos alunos. Acresce ainda o facto de, a

maioria dos estudos terem sido efectuados nas escolas com alunos que não estavam institucionalizadas ao contrário desta investigação. Como tal, não nos foi possível comparar os resultados obtidos nesta investigação com os outros estudos uma vez que esta investigação tentou explorar uma temática recente que só agora começa a despontar alguma curiosidade aos investigadores.

Tendo em conta os principais objetivos do IHE acima mencionados parece-nos que a utilização deste instrumento será muito útil pois será possível prever o nível do progresso escolar de cada jovem em função do conhecimento dos seus hábitos de estudo obtido através do seu perfil e tendo em conta cada diagnóstico adotar medidas no sentido de modificar os hábitos deficientes e propor a aquisição de hábitos mais eficazes.

4. Conclusão

Neste estudo foi possível apurar que a maioria dos participantes pertencia ao sexo feminino ($n=23$) e a média de idades rondava os 15 anos de idade. É importante salientar que a maioria frequentava o 3º ciclo de escolaridade e não apresentava um currículo escolar alternativo.

Face aos resultados obtidos podemos concluir que as crianças e jovens institucionalizados que participaram no estudo revelaram hábitos de estudo algo satisfatórios tendo em conta o meio em que se encontram. Depois verificamos que não existem diferenças na forma como as instituições trabalham com as crianças e jovens de forma a promoverem o seu sucesso escolar. Ao nível das várias escalas que compõem o IHE foram encontradas ligeiras diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino mas não se revelaram significativas ao longo a investigação.

Aos resultados referentes à presente pesquisa, não serão alheios, alguns fatores revelados no questionário tais como, o tempo de permanência na instituição que tem influência no desenvolvimento da criança ou jovem, a importância da sua tipologia familiar pois permite perceber quem eram as suas figuras de referência no seu seio familiar, a frequência das visitas dos seus familiares foi dos fatores mais importantes pois interfere ao nível do bem-estar da criança ou jovem e de que forma pode ser benéfico para o seu crescimento. Os resultados corroboram as conclusões de Dell’Aglia (2004) que revelam que a família desempenha um papel muito importante no desempenho escolar das crianças.

Tratando-se de um estudo descritivo de cariz exploratório convém mencionar algumas limitações bem como as mais-valias que decorreram na realização do mesmo. De facto, um

estudo transversal apresenta vantagens, nomeadamente baixo custo, a facilidade de realização, a rapidez com que é executado e a objectividade na recolha dos dados. Contudo, também apresenta limitações como o facto de ter um só momento de recolha de dados associado à desejabilidade social dos participantes pode originar o fenómeno viés de prevalência, ou seja, pode haver um enviesamento dos resultados e não ser condizente com a realidade pessoal dos participantes do estudo. Atendendo à circunstância do inventário utilizado na recolha de dados ser constituído por várias escalas pode também provocar nos participantes um estado de saturação e as respostas proferidas não estarem de acordo com a veracidade particular de cada um.

No delinear dos instrumentos para a recolha de dados houve algumas dificuldades, uma vez que, a empresa que detém os direitos de autor do instrumento pediu um valor monetário em troca da sua utilização. Apesar dos recursos financeiros serem escassos o pedido foi aceite. Em relação às instituições que participaram no estudo, considera-se que foram colaborantes embora no Colégio D. Dinis a resposta ao pedido para recolha de dados tenha sido moroso.

Este estudo permitiu um maior aprofundamento teórico e prático de todos os passos na formulação de um projecto científico, nomeadamente no que diz respeito às diversas teorias postuladas que serviram de fundamentação teórica e a aplicação prática de todos os métodos e passos para a obtenção do trabalho final. Para além de ser uma experiência marcante em termos pessoais, possibilitando um maior contato com a prática da investigação em ciências sociais, este trabalho contribui bastante em termos profissionais, uma vez que, analisa duas realidades diferentes abrindo caminho para outras investigações. Se por um lado falamos da importância dos lares de acolhimento e da realidade que as crianças e jovens acolhidos vivem por outro lado, abrange-se também a parte escolar que muitas vezes estes negligenciam por falta de expectativas para a sua vida futura.

Em futuros estudos, seria interessante investigar os hábitos de estudo de crianças que habitam com a sua família de origem e compará-los com os hábitos de estudo das crianças institucionalizados. Também seria pertinente aplicar o mesmo estudo noutras instituições de outros distritos e comparar os resultados obtidos.

Referências Bibliográficas:

- Alarcão, I. & Tavares, J. (2002). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*, Coimbra, Editora Almedina
- Binder G. & Michaelis R. (2006). *Perturbações no desenvolvimento e na aprendizagem*. Lisboa : Trilhos Editora
- Boruchovitch, E. (2007). Aprender a aprender: proposta de intervenção em estratégias de aprendizagem. *Educação temática digital*, 8, 156-167
- Bransford J., Brown, A. L. & Cocking, R. R. (2007). *Como as pessoas aprendem: Cérebro, mente, experiências e escola*. São Paulo: Editora Senac.
- Carita A., Silva A., Monteiro A & Diniz T. (1997). *Como ensinar a estudar*, Lisboa Editorial presença
- Carvalho, P. (2012) *Hábitos de estudo e a sua influência no rendimento escolar*, Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto
- Chaplin, J. (1978). *Primer of neurology and neurophysiology*. Vermont: Saint Michael College.
- Dell'Aglio, D. (2004) *Depressão e Desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados*, Dissertação de mestrado, Universidade federal do rio grande do sul, Brasil.
- Fortin, M. F. C. (2006). *Fondements et étapes du processus de recherche*.Montreal cheneliéne education.
- Fortin, M. F. C. (1999). *O Processo de Investigação*, 1ª edição. Lisboa:Lusociência- Edições Técnicas e Científicas.
- Gomes, M. A. M. & Boruchovitch, E. (2011). Aprendizagem auto-regulada da leitura: Resultados positivos de uma intervenção psicopedagógica; *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 27, 291-299
- Gibbs G. (1986) *Teaching students to learn: a student-centred approach*. Philadelphia: Open university press.

- Gleitman, H. (1981). *Psicologia*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Lemos, M. S. (2005). *Motivação e Aprendizagem*. In A. M. Simão, C. Sousa, F. Marques, G. L. Miranda, I. Freire, I. Menezes, et al., *Psicologia da Educação - Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Lisboa: Relógio D' Água.
- Lieury, A. & Fenouillet, F. (1996) *Motivação e sucesso escolar*, Lisboa Editorial presença.
- Lovett, S. & Flavell, J. (1990). *Understanding and remembering: Children's knowledge about the differential effects of strategy and task variables on comprehension and memorization*. Child Development.
- Mendez, F. (1999) *Aprender a estudar*, Madrid: Ediciones Piramide
- Oliveira, J. H. (2005). *Psicologia da Educação: Aprendizagem - Aluno*. Porto: Livpsic.
- Penna, A. (2001). *Introdução à aprendizagem e memória*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pérez, J. et al. (1998) *Estratégias de aprendizaje, autoconcepto y rendimiento académico*, Dissertação de doutoramento, Universidade de Navarra, Espanha.
- Pozar, F. F. (1997). *IHE Inventário de Hábitos de Estudo*. Lisboa: CEGOC- TEA.
- Ramalho, Joaquim (2001) *Os hábitos de estudo em estudantes do 3º ciclo do ensino básico e do 1º ano do ensino secundário*, Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Rocher, G. (1989). *Sociologia geral: A acção social*. Lisboa: Editorial Presença.
- Santos, Ana (2009) *(In) Sucesso escolar de crianças e jovens institucionalizados*, Dissertação de mestrado, Instituto superior de ciências sociais e políticas, Lisboa.
- Silva, A. & Sá, I. (1997). *Saber estudar e estudar para saber*. Porto : Porto Editora.
- Silva, C. A. D., Halpern, F. B. S. & Silva, L. A. D. (1999). *Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados*, cadernos de pesquisa, 107, 207-225.
- Silva, M. A. (1996). *Lar para Crianças e Jovens*. Lisboa: Direcção Geral de Acção Social.
- Siqueira, L. G.G. & Wechsler, S.M. (2006) *Motivação para a aprendizagem escolar : Possibilidade de medida*. Avaliação Psicológica, 1(5), 21-31.

Torres, D. I. P. (2010). Estratégias de aprendizagem e autoeficácia académica: contributo para a explicação do rendimento em língua portuguesa e em matemática. Dissertação de mestrado em psicologia da educação e intervenção comunitária, não publicada, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

Woolfolk, A. (2000). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Anexos

Anexo I

INVENTÁRIO DE HÁBITOS DE ESTUDO

NOME: _____ SEXO: _____

ANO QUE FREQUENTA: _____

IDADE: _____ DATA: ____ / ____ / ____

PERFIL

ESCALA	P.D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
I		0	0	0	0	0	0	0	0	0
II		0	0	0	0	0	0	0	0	0
III		0	0	0	0	0	0	0	0	0
IV		0	0	0	0	0	0	0	0	0
V		0	0	0	0	0	0	0	0	0

INSTRUÇÕES

Seguidamente encontrará uma série de perguntas que se referem à sua FORMA DE ESTUDAR e , na margem direita, poderá responder SIM ? NÃO.

Leia cada uma das perguntas e veja se responde à forma como geralmente actua.

- se o que se diz na pergunta, acontece normalmente consigo SEMPRE ou QUASE SEMPRE, ponha uma cruz (X) sobre o SIM.
- Se o que se diz na pergunta, NÃO acontece consigo NUNCA ou QUASE NUNCA, ponha uma cruz (X) sobre o NÃO.
- Se o que se diz na pergunta APENAS acontece consigo ALGUMAS VEZES ou NÃO SABE RESPONDER, ponha uma cruz (X) sobre o sinal (?).

Procure responder a todas as perguntas com SINCERIDADE ABSOLUTA, pois elas não são difíceis nem têm segundas intenções. Uma vez corrigido este inventário, poderemos dizer-lhe em que aspectos poderá melhorar a sua forma de estudar.

Lisboa, 1997

Autor: F.F. Pozar

Copyright 1995@ by CEGOC-TEA para a adaptação portuguesa. Reproduzido com autorização de TEA Ediciones.

Edição CEGOC-TEA: Av' António Alg., 19 9ª Aguiar, 21 - 2.º, 1050-012 LISBOA. Proibida a reprodução total ou parcial. Copyright Todos os direitos reservados. 1989@ by TEA-Ediciones Madrid

ESTE EXEMPLAR ESTÁ IMPRESSO EM TINTAS AZUL E NEGRA, SE LHE APRESENTAREM UM EXEMPLAR APENAS EM NEGRO É UMA REPRODUÇÃO ILEGAL. NÃO A UTILIZE.

RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR E ÁPOIE A INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA
NÃO VOLTE A PÁGINA ANTES DE LHE DAREM O SINAL

1.	Agradar-lhe-ia dispor de um lugar bem a seu gosto para estudar?.....	SIM	? NÃO	1
2.	Procura deixar de lado os seus problemas pessoais quando tem que estudar?.....	SIM	? NÃO	2
3.	Tem o hábito de fazer resumos ou esquemas das lições que estuda?.....	SIM	? NÃO	3
4.	Estuda com agrado as disciplinas que lhe são antipáticas?.....	SIM	? NÃO	4
5.	Estuda com verdadeira intenção de aprender e de memoriza o que está a estudar?.....	SIM	? NÃO	5
6.	Deixa para a última hora a preparação da maior parte das disciplinas?.....	SIM	? NÃO	6
7.	É-lhe difícil prestar atenção a certos professores?.....	SIM	? NÃO	7
8.	Pergunta ao professor quando não compreende alguma coisa?.....	SIM	? NÃO	8
9.	Sabe encontrar com rapidez qualquer tema nos seus livros, recorrendo ao índice?.....	SIM	? NÃO	9
10.	Deixou alguma vez por concluir o plano de estudo que se tinha proposto?.....	SIM	? NÃO	10
11.	Gostaria de possuir outra forma pessoal de estudo que fosse mais eficaz?.....	SIM	? NÃO	11
12.	Conseguiu fazer do estudo um verdadeiro hábito?.....	SIM	? NÃO	12
13.	Nalguns dias tem mais vontade de estudar do que noutros?.....	SIM	? NÃO	13
14.	Obteria melhores notas se se propusesse essa meta?.....	SIM	? NÃO	14
15.	Costuma ler e verificar as notas de rodapé que encontra nas suas leituras?.....	SIM	? NÃO	15
16.	Ensinaram-no a fazer resumos e esquemas de qualquer lição que estuda?.....	SIM	? NÃO	16
17.	Tem confiança na sua memória?.....	SIM	? NÃO	17
18.	O tempo que dedica a cada disciplina é proporcional à sua importância?.....	SIM	? NÃO	18
19.	Pensa que poderia ler melhor se fizesse diariamente exercícios de leitura?.....	SIM	? NÃO	19
20.	Costuma estudar em lugar cómodo, com mesa, ventilação, temperatura e iluminação adequadas?..	SIM	? NÃO	20
21.	Usa dicionário quando encontra alguma palavra que não compreende ou sobre a qual tem dúvidas?.....	SIM	? NÃO	21
22.	Sabe movimentar-se bem numa Biblioteca, procurando sem ajuda os livros e autores que deseja?..	SIM	? NÃO	22
23.	Por vezes estuda e faz trabalhos escolares em grupo?.....	SIM	? NÃO	23
24.	Tem estabelecido para si próprio um horário de estudo?.....	SIM	? NÃO	24
25.	Recorda-se melhor daquilo que aprendeu com interesse?.....	SIM	? NÃO	25
26.	Há uma razão forte que o leva a estudar com entusiasmo?.....	SIM	? NÃO	26
27.	Costuma sublinhar, nos seus livros e apontamentos, as partes que considera mais importantes?	SIM	? NÃO	27
28.	Tem uma vontade verdadeiramente firme de se aplicar no estudo?.....	SIM	? NÃO	28
29.	Procura pôr em prática o que aprendeu para que assim as coisas fiquem melhor sabidas?.....	SIM	? NÃO	29
30.	Gostaria de ser melhor tratado pelos seus professores?.....	SIM	? NÃO	30

CONTINUE NA PÁGINA SEGUINTE

31.	Pensa que, de um modo geral, os alunos que estudam e se esforçam mais são os que obtêm melhores notas?	SIM	?	NÃO	31
32.	Nos exames ou pontos escritos, costuma reflectir um pouco sobre os assuntos a tratar, antes de começar a escrever.....	SIM	?	NÃO	32
33.	Costuma ler abarcando parágrafos inteiros e não palavra por palavra?.....	SIM	?	NÃO	33
34.	Agrada-lhe que outras pessoas mexam e mudem o lugar dos seus objectos de estudo?.....	SIM	?	NÃO	34
35.	Os seus professores tratam-no com justiça, exigindo de si em conformidade com o esforço feito?..	SIM	?	NÃO	35
36.	Perde tempo quando está a estudar, por não ter preparado antes tudo aquilo de que necessitava?....	SIM	?	NÃO	36
37.	Já pensou alguma vez que os que estudam muito são uns “marrões”?.....	SIM	?	NÃO	37
38.	Estuda em boas condições físicas e sente-se "em forma"?.....	SIM	?	NÃO	38
39.	Quando vai estudar uma lição, faz primeiro uma leitura rápida para ter uma ideia geral do assunto?.....	SIM	?	NÃO	39
40.	Pensa que os seus actuais horários de estudo poderiam ser bastante melhorados?.....	SIM	?	NÃO	40
41.	Repete mecanicamente, sem pensar, palavras e frases que procura aprender de cor?.....	SIM	?	NÃO	41
42.	Acha que concluirá com êxito o seu curso, dado o número de horas que dedica ao estudo?.....	SIM	?	NÃO	42
43.	Gostaria de estar tão bem organizado nos seus estudos, que obtivesse bom rendimento de todo o tempo de trabalho?.....	SIM	?	NÃO	43
44.	As suas notas são inferiores ao que a sua inteligência faria esperar?.....	SIM	?	NÃO	44
45.	Utiliza os seus esquemas e resumos para se preparar para os exames?.....	SIM	?	NÃO	45
46.	Alcançou já a perfeição máxima na sua leitura?.....	SIM	?	NÃO	46
47.	Faz intervalos para descansar, quando está cansado, em vez de continuar a insistir em decorar alguma coisa?	SIM	?	NÃO	47
48.	Tem uma espécie de arquivo onde coloca os seus apontamentos, fichas, livros, etc.?.....	SIM	?	NÃO	48
49.	Torna-se mais fácil para si estudar uma lição com ajuda de um esquema ou resumo feito por si?	SIM	?	NÃO	49
50.	Sabe tirar apontamentos durante as explicações nas aulas?.....	SIM	?	NÃO	50
51.	Costuma procurar ajuda (biblioteca, amigos, etc...) quando tem que estudar algum assunto para o qual não dispõe de material?.....	SIM	?	NÃO	51
52.	Usa o dicionário sempre que tem dúvidas sobre o significado de uma palavra?.....	SIM	?	NÃO	52
53.	Quando trabalha em grupo colabora com os outros, participando com o seu trabalho, as suas opiniões, etc.?	SIM	?	NÃO	53
54.	Acaba as tarefas de trabalho e estudo que se propõe?.....	SIM	?	NÃO	54
55.	Gostaria de só aprender de cor aquilo que compreende perfeitamente?.....	SIM	?	NÃO	55
56.	Revê os seus exames e pontos escritos antes de os entregar?.....	SIM	?	NÃO	56
57.	Modifica alguma vez a sua forma de leitura, mudando de tom, ritmo, etc., para não se cansar enquanto estuda?	SIM	?	NÃO	57
58.	Está convencido de que o estudo é muito importante para a sua vida?.....	SIM	?	NÃO	58
59.	Discute em grupo, juntamente com outros colegas, sobre os diversos trabalhos e tarefas escolares?	SIM	?	NÃO	59
60.	Pensa que os seus pais poderiam ser mais compreensivos nos que se refere aos seus estudos?.....	SIM	?	NÃO	60

CONTINUE NA PÁGINA SEGUINTE

61.	Por vezes, está com atenção na aula só por ter medo do professor?.....	SIM	? NÃO	61
62.	Presta atenção às explicações dos professores?.....	SIM	? NÃO	62
63.	Quando não compreendeu bem volta atrás e relê o assunto ,ainda que lhe custe?.....	SIM	? NÃO	63
64.	É-lhe fácil estudar quando está seriamente preocupado com algum problema?.....	SIM	? NÃO	64
65.	Sente-se capaz de concluir o seu curso com aproveitamento?.....	SIM	? NÃO	65
66.	Teria melhor rendimento se adaptasse outra maneira de se organizar?	SIM	? NÃO	66
67.	Teria melhor rendimento se os seus professores o tratassem de uma maneira mais justa?	SIM	? NÃO	67
68.	Estuda em lugar apropriado, sem barulho e sem que o perturbem?.....	SIM	? NÃO	68
69.	Costuma ler os índices dos seus livros para ter uma ideia do conjunto dos assuntos dessa disciplina?.....	SIM	? NÃO	69
70.	Gostaria de estudar apenas naquelas horas que lhe parecem melhores?.....	SIM	? NÃO	70
71.	Aprende de cor as coisas que não compreende?.....	SIM	? NÃO	71
72.	Tem o seu tempo de estudo distribuído de tal forma que TODAS as disciplinas são contempladas?	SIM	? NÃO	72
73.	Pensa, por vezes, que os seus professores não são compreensivos?.....	SIM	? NÃO	73
74.	Desanima e para de estudar quando encontra alguma dificuldade que não consegue resolver?...	SIM	? NÃO	74
75.	Faz os seus esquemas e resumos com base nas ideias que sublinhou como mais importantes?....	SIM	? NÃO	75
76.	Lê com agrado as matérias de que gosta menos?.....	SIM	? NÃO	76
77.	Revê frequentemente o que aprendeu para "refrescar a memória" e para não esquecer totalmente essas matérias?	SIM	? NÃO	77
78.	Estuda com afinco diariamente e descansa totalmente nos fins de semana?.....	SIM	? NÃO	78
79.	Gostaria de ter uma memória melhor?.....	SIM	? NÃO	79
80.	Procura estar informado sobre o seu rendimento em cada uma das disciplinas?.....	SIM	? NÃO	80
81.	Sabe distinguir as partes importantes quando lê?	SIM	? NÃO	81
82.	Agrada-lhe aprender de cor o que não compreende?.....	SIM	? NÃO	82
83.	Pensa que estudando em grupo se resolvem dificuldades que uma pessoa sozinha não consegue resolver?.....	SIM	? NÃO	83
84.	Quando estuda faz pausas para descansar aproximadamente de hora a hora?.....	SIM	? NÃO	84
85.	Gostaria que lhe ensinassem como se deve estudar e trabalhar em grupo?.....	SIM	? NÃO	85
86.	Animam-no, em sua casa, de tal forma que isso o ajuda a estudar?.....	SIM	? NÃO	86
87.	Preocupa-se em melhorar a sua qualidade e velocidade de leitura?.....	SIM	? NÃO	87
88.	Os seus professores animam-no e ajudam-no no que respeita aos estudos?.....	SIM	? NÃO	88
89.	Procura relacionar ,encadear e integrar o que já sabe com o que está a aprender?.....	SIM	? NÃO	89
90.	Pensa que os seus companheiros o poderiam ajudar mais?.....	SIM	? NÃO	90

**VERIFIQUE AGORA SE DEIXOU ALGUMA PERGUNTA POR
RESPONDER**

Anexo II

Apêndices

Apêndice A

Apêndice A - Questionário sociodemográfico

Código: _____

Data de aplicação: __ / __ / ____

1. **Sexo:** Feminino ☐
Masculino ☐

2. **Data de Nascimento:** __ / __ / ____

3. **Idade:** ____ anos

4. **Habilitações escolares:**

Ano de Escolaridade		Completo	Incompleto	Curso
2º Ciclo	5º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	6º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3º Ciclo	7º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	8º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	9º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Secundário	10º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	11º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	12º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____

5. Percurso Escolar

5.1 Durante o teu percurso escolar, já reprovaste?

SIM ☐ NÃO ☐

5.2 Se sim, quantas vezes? _____

5.3 Disciplina(s) que mais gostas? _____

5.4 Disciplina(s) que menos gostas? _____

5.5 Disciplina(s) que tens mais dificuldades? _____

5.6 Disciplina(s) que tens mais facilidades? _____

6. Necessidades Educativas Especiais

6.1 Tens algum currículo Alternativo / Currículo Específico Individual

SIM ☐ NÃO ☐

6.2 Tens algumas adaptações no currículo?

SIM ☐ NÃO ☐

7. Absentismo Escolar

7.1 Tens o hábito de faltar às aulas?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas Vezes	Sempre
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. Dificuldades da criança / jovem

8.1 Vês bem? SIM ☐ NÃO ☐

8.2 Ouves bem? SIM ☐ NÃO ☐

8.3 Outras Dificuldades? SIM ☐ NÃO ☐

8.3.1 Se sim, quais? _____

Parte II – Informação social relativa à criança e jovem

1. Processo de Institucionalização

1.1 Tempo de permanência na instituição : _____

1.2 Entidade que Aplicou a Medida de Acolhimento Institucional:

Tribunal ☐ **CPCJ** ☐

1.3 Instituição Gestora do Processo:

2. Situação Familiar:

2.1 Tipologia Familiar (Com quem vivias antes):

Pai ☐
Mãe ☐
Irmãos ☐
Avós ☐
Tios ☐
Outros ☐

2.2 Vives com algum familiar teu na mesma instituição (exe. Irmãos)?

Sim ☐ Não ☐

2.3 Tens alguns familiares noutra instituição (exe. Irmãos)?

Sim ☐ Não ☐

2.4 Com que frequência vais a casa de familiares?

2.4.1 Sem idas a casa de familiares ☐
2.4.2 Menos de três vezes por ano ☐
2.4.3 Uma vez por mês ☐
2.4.4 De 15 em 15 dias ☐
2.4.5 Aos fins de semana ☐
2.4.6 Durante as épocas festivas / Férias da escola ☐

3. Visitas na Instituição

3.1 Quem te costuma visitar?

Pai ☐
Mãe ☐
Irmãos ☐
Avós ☐
Tios ☐

Outros

☐

3.2 Periodicidade das visitas:

Sem visitas

☐

Menos de uma visita por ano

☐

Visitas nas épocas festivas e/ ou nas Férias das aulas

☐

Visitas Mensais

☐

Visitas Semanais

☐

Apêndice B

Apêndice B - Documento formal solicitando autorização para aplicar o inventário no lar Santa Isabel

Lar de Santa Isabel

Centro Social Paroquial Paulo VI

Eu, Inês João Pires Teixeira, licenciada em Serviço Social pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria desde 2010, encontro-me a frequentar o 2º ano do Mestrado em Psicologia Clínica Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga e, como tal, é necessário realizar um estudo de investigação conducente à obtenção do Grau de Mestre tendo como principal objetivo a identificação das dificuldades de aprendizagem mais comuns em crianças institucionalizadas.

É neste âmbito que venho solicitar a vossa Exª a indispensável colaboração, autorizando a recolha de dados junto das meninas / jovens institucionalizadas que ainda não concluíram o seu percurso escolar.

Comprometo-me ao sigilo e confidencialidade dos dados obtidos.

Grata pela atenção e disponibilidade dispensada

Apêndice C

Apêndice C - Documento formal solicitando autorização para aplicar o inventário no Colégio D. Dinis

A/c

Internato Masculino de Leiria

Assunto:

Inês João Pires Teixeira, licenciada em Serviço Social (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, 2010) e aluna do mestrado em Psicologia Clínica – Ramo de Especialização em Psicoterapia, no Instituto Superior Miguel Torga, vem por este meio solicitar a Vossa Excelência que me seja concedida autorização para que possa recolher dados junto das crianças/jovens da vossa instituição.

Este pedido surge no contexto da realização de uma dissertação de mestrado intitulado “Hábitos de estudo em crianças institucionalizadas”. Pretende-se avaliar os hábitos de trabalho e de estudo dos alunos em contexto institucional.

Comprometo-me ao sigilo dos dados e a enviar os resultados da pesquisa, se assim o entenderem.

Agradeço antecipadamente a atenção dispensada e fico ao dispor.

